

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE HISTÓRIA**

**PAULO RICARDO GESSI**

**CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM SANTA CATARINA:  
UMA ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA (2000 – 2010)**

**CHAPECÓ**

**2023**

**PAULO RICARDO GESSI**

**CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM SANTA CATARINA:  
UMA ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA (2000 – 2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de História da Universidade Federal  
da Fronteira Sul como requisito para obtenção  
do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda

**CHAPECÓ**

**2023**

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Gessi, Paulo Ricardo

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM SANTA CATARINA: UMA  
ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA (2000 - 2010) /  
Paulo Ricardo Gessi. -- 2023.  
55 f.

Orientador: Doutor Antônio Luiz Miranda

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

1. Campos de Concentração. 2. História da  
historiografia. 3. Santa Catarina. I. Miranda, Antônio  
Luiz, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**PAULO RICARDO GESSI**

**CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM SANTA CATARINA:  
UMA ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA (2000 – 2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/07/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda– UFFS  
Orientador



---

Prof. Dr. Délcio Marquetti – UFFS  
Avaliador



---

Prof. Dr. João Henrique Zanelatto – UNESC  
Avaliador

**Dedico este trabalho a minha mãe, que foi  
 pilar fundamental para concluir a  
 graduação.**

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos não poderiam deixar de começar pela menção a pessoa que foi pilar fundamental para chegar até o fim da graduação. Agradeço, portanto, a minha mãe, a qual eu não posso deixar de evidenciar a pessoa mais importante da minha vida, que possibilitou passar por esses quatro anos e meio de graduação conseguindo conciliar a rotina desgastante de trabalho e estudos. A pessoa que sempre deixava algo pronto para comer quando chegava de madrugada em casa da faculdade e sempre despertava de seu sono para saber como havia sido a aula. Quem me levantava da cama quando estava exausto e desmotivado, a pessoa que sempre esteve comigo me empurrando para frente quando eu pensava que não conseguia mais, me incentivando quando considerava em desistir. A pessoa que suportou horrores por anos em sua vida delegando e deixando muitas vezes a si de lado pensando na felicidade dos filhos. Dedico, portanto, inteiramente meus agradecimentos a você mãe.

Contudo, os agradecimentos precisam ser feitos também a quem participou dessa trajetória, sendo família, amigos e professores. Agradeço, portanto, a todos os professores do curso de história da Universidade Federal Fronteira Sul campus Chapecó pelo conhecimento repassado ao longo desses anos de graduação, com responsabilidade, competência, paciência e dedicação, em especial aos professores Renato Viana Boy, Renilda Vicenzi, Bruno Antonio Picoli, Ricardo Machado e Jaisson Teixeira Lino.

Agradeço também a toda minha família, em especial meu cunhado e meus avós que sempre estiveram presentes e próximos em minha vida. Assim como, minha irmã que sempre esteve me apoiando e aconselhando ao longo desses anos nos momentos de maior dificuldade, assim como a felicidade compartilhada que me proporcionou dando à luz a minha querida sobrinha e afilhada durante esse tempo.

Agradeço ao meu orientador, Antônio Luiz Miranda, por aceitar o desafio de me orientar e ao professor João Henrique Zanelatto pelas contribuições fornecidas na melhoria do trabalho. Agradeço também o professor Délcio Marquetti por todas as contribuições que forneceu na qualificação deste trabalho, assim como ao longo de todo o período de graduação.

Aos meus colegas de turma que seguiram comigo nessa jornada compartilho a felicidade de enfim entregar o TCC e finalizar a graduação. Contudo, o caminho até aqui já possibilitou grandes conquistas, uma delas são os grandes amigos que com certeza levarei para a vida toda, Carlos Eduardo Rodrigues, Brendha Luana Spricigo, Dâmaris Zytko e

Eduarda Kerkhoff que compartilharam comigo ao longo desse período angústias, frustrações, boas risadas e claro, todos os apuros de fim de semestre. Dedico uma parte desse agradecimento também a primeira amizade que realizei na universidade, um colega próximo que infelizmente nos deixou ao longo do caminho, Dener Fausto Smiderle você estará guardado nas nossas memórias.

A todos que fizeram parte dessa jornada, muito obrigado!

**A história é, em essência, conhecimento por meio de documentos.  
Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os  
documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento;  
(VEYNE, 1998, p.18)**

## RESUMO

A presente pesquisa possui o intuito de investigar as produções acadêmicas que se propuseram a abordar a temática envolvendo as perseguições e prisões de descendentes dos países do eixo durante a Segunda Guerra Mundial, bem como entender como a historiografia contemporânea vem trabalhando essa temática a partir do início do milênio. Para isso foi realizada uma pesquisa com o intuito de encontrar os trabalhos que seriam mais facilmente acessados pela internet e realizar um levantamento de dados sobre a produção acadêmica do período. O trabalho tem em vista inter-relacionar a historiografia contemporânea sobre a temática estudada, bem como a história da historiografia. Para atingir tal objetivo foram utilizados os dados do levantamento, assim como, a análise de três trabalhos que se dedicaram ao estudo da perseguição aos imigrantes em Santa Catarina selecionados no intervalo dos anos de 2000 a 2010. O trabalho tratará tanto da temática envolvendo os campos de concentração em Santa Catarina, bem como suas produções no período delimitado.

**Palavras-chave:** Campos de Concentração; História da historiografia; Santa Catarina.

## **ABSTRACT**

This research aims to investigate the academic productions that proposed to address the theme involving the persecution and imprisonment of descendants of the Axis countries during the Second World War, as well as to understand how contemporary historiography has been working on this theme from the beginning of the Millennium. For this, a survey was carried out to find the works that would be more easily accessed on the internet and to carry out a survey of data on the academic production of the period. The work seeks to interrelate contemporary historiography on the subject studied as well as the history of historiography, To achieve this objective, survey data was used as well as the analysis of three works that were dedicated to the study of the persecution of immigrants in Santa Catarina selected in the range from the years 2000 to 2010. The work will deal with both the theme involving the concentration camps in Santa Catarina and their productions in the delimited period.

**Keywords:** Concentration camps; History of historiography; Santa Catarina.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1</b> - Publicações acadêmicas sobre os “Campos de Concentração brasileiros” por ano. ....	35
<b>Gráfico 2</b> - Publicações acadêmicas sobre os “Campos de Concentração brasileiros” por segmento. ....	36
<b>Gráfico 3</b> - Interesse de pesquisa pelo termo “Campos de Concentração no Brasil”. ....	38
<b>Gráfico 4</b> - Interesse de pesquisa pelo termo “Nazismo no Brasil”. ....	38
<b>Gráfico 5</b> - Relação dos Dados Gráfico 3 e 4. ....	38
<b>Gráfico 6</b> - Interesse de pesquisa pelos termos “Neonazismo” e “Nazismo no Brasil”. ...	39
<b>Gráfico 7</b> - Publicações acadêmicas sobre os “Campos de Concentração brasileiros” por área de estudo. ....	40
<b>Gráfico 8</b> -Publicações acadêmicas sobre os “Campos de Concentração brasileiros” por estado. ....	40

## **LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1: QUADRO DE PERGUNTAS FORMULADAS AS FONTES</b>	<b>33</b>
<b>TABELA 2: QUADRO DE TERMOS PESQUISADOS</b>	<b>34</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2. OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM SANTA CATARINA E AS PERSEGUIÇÕES AOS DESCENDENTES DO EIXO</b>	<b>19</b>
2.1 Era vargas: nacionalização, ditadura e opressão contra a população civil	19
2.2 As relações comerciais e ideológicas entre Brasil e Alemanha	21
2.5. A formação no imaginário popular: criação do inimigo interno “Quinta Coluna”	23
2.6 A problemática na abordagem do termo “Campos de Concentração” no Brasil	25
2.7 A presença nazista em Santa Catarina	27
<b>3. Historiografia contemporânea: os campos de concentração em Santa Catarina</b>	<b>30</b>
3.1 Perspectivas sobre a metodologia na produção historiográfica	30
3.2 Levantamento de produções acadêmicas	33
3.3 Análise das produções acadêmicas sobre Santa Catarina	41
3.4 Campos de Concentração em Santa Catarina, uma análise através do tempo	47
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>49</b>
<b>6. REFERÊNCIA</b>	<b>51</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar às produções acadêmicas que se dedicaram ao estudo sobre os campos de concentração brasileiros durante o período da Segunda Guerra Mundial. No auge do conflito, com as políticas nacionalistas de Getúlio Vargas, assim como as de seu interventor Nereu Ramos em Santa Catarina, objetivaram e alocaram a taxação de inimigo interno a qualquer imigrante dos países que compunham o Eixo.

Esses campos representaram a expressão máxima na repressão contra imigrantes alemães, italianos e japoneses que residiam no Brasil, especialmente no contexto do projeto de nacionalização e duplamente com o ingresso do Brasil ao lado dos Aliados na guerra.

O encontro com a temática que posteriori veio a se tornar a proposta da atual pesquisa que será desenvolvida nesse texto, é oriunda de um ensaio prévio realizado ao longo da graduação, buscando compreender a conceituação da terminologia em relação ao conceito “Campos de Concentração”. Tal análise foi objetivada tendo em vista uma preocupação historiográfica em relação à abordagem acadêmica sobre a temática, afinal esses textos abriam brechas para compreensões equivocadas sobre esses acontecimentos? Essa foi a questão central no ensaio desenvolvido. Tal preocupação foi levantada tendo em vista os revisionismos históricos que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, com isso a noção de como a história vem abordando essa temática, especialmente no campo acadêmico, se faz necessárias para não serem alvos de equívocos por parte de leitores leigos no tema.

Naquele momento que ocorreu o contato inicial com os autores que trabalham a temática relacionada a perseguição contra civis em período de guerra, assim como, os campos de concentração no Brasil, tal pesquisa me motivou a continuar a investigação, esmiuçando agora de forma mais abrangente os trabalhos relacionados à temática proposta.

A proposta central deste trabalho consiste em realizar uma análise da historiografia contemporânea em relação às produções acadêmicas que propuseram abordar as temáticas envolvendo “Campos de concentração em Santa Catarina” bem como a perseguição do estado brasileiro contra os imigrantes descendentes dos países que formaram o eixo na Segunda Guerra Mundial. A análise, está centrada em compreender como as produções acadêmicas de história se puseram a investigar essas temáticas e principalmente como as fizeram.

A relevância de uma revisão historiográfica é de extrema significação para a história possuir uma noção de sua própria historicidade, se faz necessário ao nosso objetivo não somente compreender essas produções, mas entender a história dessa historiografia.

Se faz necessário para este presente trabalho que se propõe a discutir a historiografia de um período específico alguns apontamentos referentes as questões mais conceituais da história, a contextualização da terminologia das palavras história e historiografia, por exemplo. Para isso, utilizaremos o texto publicado em 1996 por Luiz Henrique Torres intitulado *O conceito de História e Historiografia*, onde o autor explicará os problemas dessa polissemia de sentidos com base em autores brasileiros. Em sua produção se nota a preocupação dos autores destacados por ele em distinguir ou equiparar a história como processo humano e conhecimento intelectual, e historiografia.

Para a conceituação de historiografia nos utilizamos da concepção de Almeida (1983) onde estabelece a seguinte definição:

Historiografia: a prática e o discurso historiográfico, isto é, a prática intelectual especializada (mediada pelo instrumental teórico-metodológico da ciência histórica) que tem como objeto específico a realidade histórica, em sua integridade estrutural e superestrutural e seu produto: o conhecimento histórico (ALMEIDA, 1983: 22 apud TORRES, 1996, p. 54).

Outra concepção diante da conceituação terminológica é a de José Roberto do Amaral Lapa que estabelece a historiografia como a preocupação crítica diante do conhecimento científico

O conhecimento é o registro inteligente que o historiador procura fazer para compreender a realidade. A historiografia é justamente o conhecimento crítico dessa representação e do processo que a determinou (...) Dessa maneira, o objeto do conhecimento histórico é o que chamamos de História para efeito de nossas proposições (...) Conhecimento histórico é que resulta do processo limitativo de conhecimento e reconstituição, análise e interpretação daquele objeto, vindo a **Historiografia a ser a análise crítica do conhecimento histórico e historiográfico, e do seu processo de produção, reconhecendo, portanto, um conhecimento científico que se perfila pelos métodos, técnicas e leis da ciência histórica** (LAPA, 1981: 18 – 9 apud TORRES, 1996, p. 54, grifo nosso).

Ambos autores estabelecem um cercamento do termo, entretanto é com a concepção de Iglesias (1972) que nos melhor identificamos onde aponta que

A historiografia é uma obra da História, um escrito de natureza histórica. Impõe-se a palavra historiografia, uma vez que a palavra história é muito ambígua, por ser tanto a referência ao acontecimento, como sua reconstituição em livro (...) uma história da historiografia brasileira deve ser o estudo dos livros que já se escreveram sobre a História do Brasil. Trata-se, portanto, de obras elaboradas, não de documentos (Iglésias, 1972: 22-23). [...] **Francisco Iglésias entende a historiografia como produção intelectual (obras elaboradas) e não como documentos. Afirma que a história é o processo e a historiografia é descrição ou reflexão do processo.** Marlene Almeida equipara história e historiografia, consideradas uma prática intelectual produtora do conhecimento histórico. José Honório Rodrigues entende por historiografia a "história da história", enquanto Lapa considera a historiografia como a análise crítica do conhecimento histórico. Ao destacar sucintamente o posicionamento desses autores, constatamos a diversidade de enfoques referente à delimitação dos objetos relativos ao campo da história e historiografia, assim como os limites epistemológicos que as aproximam ou diferenciam.<sup>1</sup>

Conceituando, a história na concepção adotada neste trabalho é o estudo das fontes propriamente ditas, conceitualmente estabelecemos não haver história, mas sim “conhecimento histórico”, pois de acordo com Torres (1996) a palavra história seria reduzida em duas concepções: história enquanto processo do acontecer humano no espaço-tempo, uma espécie utopia de reconstituição da história. E história conhecimento que seria os processos acadêmicos e intelectuais que constituem as verdades relativas a partir da análise dos materiais históricos que seriam as fontes.

Contudo, a historiografia necessita ser crítica em sua abordagem, pois não há espaço para uma historiografia tradicional, tal preocupação em relação a essas produções acadêmicas é levantada pelos historiadores que se debruçam sobre a história da historiografia

[...]os estudos historiográficos deixaram de ser apenas simplesmente bibliográficas comentadas, com listas de autores e respectivas obras, e passaram a conter uma periodização própria, análises e interpretações importantes [...] para tratar de problemas de fundo relativos à produção historiográfica contemporânea. (SILVA, 2001, p. 25).

Essa polissemia no conhecimento histórico é decorrente de um processo que leva de uma forma generalizada e superficial a associação do termo historiografia como mera revisão de obras e autores, entretanto a historiografia deve obrigatoriamente ser uma produção visando uma construção e interpretação de um de conhecimento intelectual temporalmente

---

<sup>1</sup> As percepções dos autores em questão são conceituadas por Luiz Henrique Torres em sua obra intitulada **O Conceito de História e Historiografia** de 1996 páginas 53-54. Disponível em [o CONCEITO DE HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA](#). Acesso em 20/07/2023.

estabelecido em determinado período, conhecimento este sujeito a uma estrutura econômica, política e mental que não pode ser superada pelos seus autores.

Em síntese, a compreensão de historiografia pode ser concebida como a produção e revisão de determinado conhecimento histórico sobre determinado tema referente a um período de tempo. Tendo como concepção de que fazer historiografia é realizar uma releitura de um saber intelectual retido em algum local do passado, conceber que o mesmo pode estar a mercê de dinâmicas sociais de sua contemporaneidade e guardar problematizações em suas minúcias decorrentes de motivações e interesses ideológicos, pois de acordo com Luiz Henrique Torres

O conhecimento é ideológico, pois o discursante está e faz o processo de certa sociedade, portanto a ideologia expressa concretamente a historicidade de cada indivíduo que recria a história. A ideologia está associada a "qualquer" produção ou meio intelectual que analise um determinado tema ou processo, estabelecendo para isso um indispensável referencial de pensamento. Decorre desse conceito que toda a historiografia é ideológica! Ideologia, portanto, não seria somente o discurso que encoberta a realidade em função do grupo dominante e seus interesses. (1996, p. 57).

Como já abordamos anteriormente, essa pesquisa é oriunda de um ensaio prévio que teve como base uma preocupação historiográfica sobre as produções de determinada temática de pesquisa, preocupação essa que consiste na compreensão de que

A história consiste na **recriação do passado na mente do historiador**. Desta premissa decorre a ideia de que toda a produção histórica é sempre “contemporânea”, e de uma certa maneira “autobiográfica” no sentido de que **os homens muitas vezes buscam no passado responder problemas do seu presente**; segundo ele, trata-se, no caso da historiografia, de ter como preocupação, o “desenvolvimento do pensamento historiográfico” (SILVA, 2001, p. 62 – 63, grifo nosso).

Tal perspectiva pode ser expandida neste trabalho tendo em vista os atuais desafios da história brasileira diante de narrativas que vão em antemão ao conhecimento histórico na tentativa de recriar o passado e estabelecer uma nova percepção sobre temáticas já consagradas. O recorte temático que estabelecemos pode ser compreendido tendo em vista uma preocupação historiográfica em não associar a perseguição ocorrida em países como o Brasil ao contexto de Auschwitz.

Nesse sentido expressamos a perspectiva de que a relevância de tal análise sobre a historiografia parte do pressuposto de uma necessidade cíclica da própria contemporaneidade

do historiador, tendo em vista que revisitar o passado e trazer novas reflexões sobre os objetos de estudo são essenciais na história. A análise desses estudos também se faz necessária para compreender o próprio presente, pois a variação temporal da história se reflete sobre a análise dos estudos decorrente dos objetos históricos.

Para realizar tal investigação, tendo em vista o alcance da pesquisa e o tempo hábil disponível para sua realização, foram recortadas as obras que possuem a centralidade do eixo de suas respectivas pesquisas voltadas à região de Santa Catarina e os conflitos envolvendo esses imigrantes, assim como a atuação e opressão do Estado sobre esses indivíduos. Foi optado pela análise de obras sem o viés pragmático de sua relevância, as obras foram escolhidas por atender um critério que remete ao nosso estudo “serem produções de história em seu tempo” e estar delimitada no período entre os anos de 2000 a 2010. Esse recorte cronogeológico foi delimitado pela evidência que essa temática recebeu nesse período específico de tempo, como será melhor trabalhado no capítulo 3. A escolha das obras para análise ocorreu para propor um entendimento da historiografia desse período, apesar de ser um trabalho de conclusão de curso ou uma dissertação de mestrado, tais produções remetem a um estudo e dedicação de um pesquisador para com a temática de pesquisa, este ponto que para nós é interessante, o interesse em estudar essa temática bem como os motivos que originaram o mesmo por parte do pesquisador.

Optou-se pela análise da dissertação *A nacionalização no Estado Novo e a ameaça alemã um olhar em São Pedro de Alcântara (1937 – 1945)* defendida em 2001 por José Francisco Albino na Universidade Federal de Santa Catarina; a dissertação de Janaina Santos de Macedo intitulada *Campos de concentração em Santa Catarina e os conflitos envolvendo alemães e descendentes durante o Estado Novo* defendida em 2007 na Universidade Federal de Santa Catarina e fechando nossa análise o trabalho de conclusão de curso escrito por Renan Borges Gonçalves intitulado *O confinamento de imigrantes e descendentes de italianos e alemães no Vale Do Araranguá durante a 2ª Guerra Mundial* defendido em 2010 na Universidade do Extremo Sul Catarinense.

O trabalho será estruturado em dois capítulos, no primeiro será realizado uma revisão sobre esses campos para contextualizar o leitor sobre a temática da pesquisa abordando sobre o Estado Novo e suas políticas bem como as relações ideológicas e comerciais do Brasil com a Alemanha e os Estados Unidos, nesse contexto será tratado também sobre entrada do Brasil no conflito e como isso impactou os indivíduos que aqui estavam, que passaram a sofrer

perseguições cada vez mais contundentes por parte do estado. Será explanado em seguida em relação ao real perigo que esses indivíduos representam ou não a soberania nacional.

Para embasar nosso trabalho, em relação aos campos de concentração, utilizaremos especialmente as obras de Priscila Ferreira de Perazzo e Marlene de Fáveri entre outras. Para abordar a questão desses imigrantes, assim como sua representação como risco, será utilizado o trabalho do historiador René Gertz, João Henrique Zanelatto e Ricardo Seitenfus.

No segundo capítulo, será realizado uma análise sobre a produção acadêmica geral em relação à temática e após recortando as fontes que serão utilizadas para o desenvolvimento da última parte do trabalho, que consistirá em realizar uma análise das obras selecionadas, bem como apontamentos sobre a produção acadêmica em relação à temática.

As pesquisas para levantamento foram pensadas no sentido de acessibilidade a comunidade acadêmica de história, ou seja, caso um estudante de história da graduação busque sobre essa temática, o que ele encontrará? Com isso, chegamos a duas ferramentas amplamente utilizadas para busca de artigos e produções acadêmicas que serão a base para esse levantamento, “Google Acadêmico” e “Banco de Teses e Dissertações da CAPES”. Outra fonte de dados utilizada foi o “Google Trends” que consiste em uma ferramenta que possibilita buscar por termos mais pesquisados na Internet.

A utilização desses repositórios citados anteriormente, se justificam pela noção de possuírem mais acessos em suas buscas por produções acadêmicas do que repositórios individuais. Outro motivo é a disponibilidade dos textos de forma online. Esses foram os motivadores para a utilização desses bancos de dados para o levantamento, pois a facilidade em achar, baixar e ler um texto via internet ocorre mais facilmente do que a compra de um livro ou a pesquisa por um título em específico. Com isso ressalto que a investigação priorizou a noção de encontrar o que acadêmicos que forem buscar sobre a temática achariam.

## 2. OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM SANTA CATARINA E AS PERSEGUIÇÕES AOS DESCENDENTES DO EIXO

### 2.1 ERA VARGAS: NACIONALIZAÇÃO, DITADURA E OPRESSÃO CONTRA A POPULAÇÃO CIVIL

O recorte temático que se refere no presente trabalho é contextualizado no período referente aos anos de 1937 a 1945, onde o Brasil estava subjugado as políticas ditatoriais de Getúlio Vargas. Que nesse momento conhecido como Estado Novo<sup>2</sup>, promoveu um contexto político conturbado de opressão contra a população civil assim como perseguição contra opositores políticos. O Estado Novo foi possível graças à crise de consciência generalizada que ocorreu decorrente da Grande Guerra assim como da Revolução Russa, resultando em uma crise crescente onde o liberalismo estava se inserindo e como decorrência desse contexto surgem críticas à democracia (CAPELATO, 2007).

No período, umas das soluções propostas era a presença de um estado forte, comandado por um líder capaz de conduzir o povo para a ordem. Essa política foi adotada em diversos países no período como, por exemplo, com Adolf Hitler na Alemanha e Benito Mussolini na Itália, evidentemente cada país tomou suas peculiaridades em relação a tal (CAPELATO, 2007), no Brasil esse movimento foi denominado Estado Novo que sob o regime da figura de Getúlio Vargas buscou certo controle social das bases da sociedade bem como assegurar a sua legitimidade, e para alcançar isso de acordo com Maria Helena Capelato

Para isso se utilizou de duas estratégias: a propaganda política e a repressão contra os opositores. Os meios de comunicação, cerceados na liberdade de expressão, ficaram impedidos pela censura de externar suas opiniões, bem como de expressar a opiniões alheias contrárias ao regime. Os órgãos opositores foram silenciados e os adeptos do regime tiveram como missão enaltecer os atos do governo e divulgar a ideologia que o norteava. nesse período, muitos veículos de comunicação acabaram adendo ao poder para continuar usufruindo de suas benesses; os que não se dobraram a ele ficaram à mercê do controle da censura (2007, p. 117 – 118).

---

<sup>2</sup> Em seu livro **O Estado Novo** (2000) Maria Celina D'Araujo expressa que a denominação foi atribuída a outros governos ditatoriais do período, e que o “novo” conforme a autora é atribuído, pois seria o modelo de estado surgido que se diferenciaria do capitalismo e do comunismo, essas doutrinas competiam desde o Séc. XIX no sentido de apresentar uma nova alternativa de organização tanto política como econômica e social.

Portanto, o governo varguista, apesar de ampla propaganda mostrar a figura de Getúlio como um homem do povo, não deixou o viés autoritário de lado, e constitui um período de perseguição e opressão a diversos grupos.

Apesar da repressão ter se intensificado com a Segunda Guerra Mundial, o projeto de nacionalização implementado pelo governo Vargas na década de 1930 teve fortes impactos nas relações entre os países, Ana Maria Dietrich aponta que ao

[...] consolidar o Projeto de Nacionalização no Brasil, o cenário se modificou brutalmente. O projeto mudou a realidade de muitos imigrantes — que eram considerados não assimilados e que mantinham suas representações sociais, culturais e religiosas. A partir dos efeitos dos decretos deste projeto, escolas foram nacionalizadas e o uso do idioma alemão foi proibido (2007, p. 160).

No cenário catarinense, Zanellato aponta que “A grande campanha da nacionalização tinha como objetivo a constituição do sentimento de brasilidade e a consolidação de noções de trabalho nos indivíduos, caracterizados pela preparação de catarinenses para atender às exigências do processo produtivo.” (2007, p.204) o autor ainda aponta que com a implementação do Estado novo em Santa Catarina pelo interventor Nereu Ramos com o intuito da nacionalização do sistema escolar, cerca de 138 escolas particulares foram fechadas e substituídas por 99 escolas estaduais e 141 municipais destinadas ao ensino primário que estariam submetidas a constante vigilância dos inspetores do estado.<sup>3</sup>

Essa criminalização da fala se tornou extremamente mais brutal quando ocorreu a adesão do Brasil na Segunda Guerra Mundial. As detenções pelo uso do idioma se tornam frequentes, pois, como Marlene de Fáveri aponta, algumas pessoas ainda tinham dificuldade em falar determinadas palavras em idioma nacional bem como expressões cotidianas eram manifestadas de forma instintiva (2004, p. 99)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Consultar a tese de João Henrique Zanelatto intitulada **Região, Etnicidade e Política: O Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. p. 203 – 498.

<sup>4</sup> Em seu livro **Memórias de uma outra guerra: cotidiano e repressão em Santa Catarina durante a segunda guerra** (2004) Marlene de Fáveri traz o caso ocorrido em Xaxim de José Lunardi, italiano de 59 anos que em um dia de festividades na capela local foi autuado por um soldado por se expressar com os dizeres “Dio can e porca pipa” o que o dono do bar teria respondido com “porca caneca” em depoimento foi relatado que nesse momento chegou o soldado e o alertou da proibição em falar em italiano. Apesar de tentar se explicar, ele foi detido e recebeu um pontapé e um soco na cabeça (p. 98 – 99).

## 2.2 AS RELAÇÕES COMERCIAIS E IDEOLÓGICAS ENTRE BRASIL E ALEMANHA

Nesse contexto cabe também explorarmos as relações que o Brasil possuía com os países que mais tarde formariam os grupos de conflito na Segunda Guerra Mundial — Os Aliados e o Eixo — especificamente as relações que o governo varguista mantinha com os Estados Unidos e com a Alemanha.

No período que antecedeu a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o governo Vargas atuava realizando transações comerciais com ambos os países, a perspectiva varguista estabelecia as relações comerciais à frente de ideológicas, os acordos eram voltados ao âmbito comercial, isso justifica as relações mútuas com os Estados Unidos e Alemanha. O Brasil nesse período se aproximava com a Alemanha nas relações comerciais e pouco a pouco a mesma se tornava a maior parceira em termos de importação e exportação com o país superando os Estados Unidos, de acordo com João Henrique Zanelatto

Exemplo disso foi às relações comerciais entre os dois países, que, com a ascensão de Hitler, desenvolveram-se de modo considerável, tanto que em 1936 a Alemanha superava os Estados Unidos nas importações para o Brasil e as exportações catarinenses tinham os alemães como o seu segundo melhor comprador, só perdendo para a Argentina (2007, p. 215).

Essa aproximação se somava inclusive no campo ideológico, como no combate ao comunismo. Já beirando a década de 1940 a situação muda drasticamente devido ao bloqueio continental que a Alemanha sofreu imposta pela Inglaterra, as relações de importação e exportação caem brutalmente, isso promoveu um cenário fértil para os Estados Unidos realizarem uma aproximação muito mais íntima com o Brasil, “Assim, até meados da década de 1940, o Brasil procurou retirar o máximo da disputa entre Estados Unidos e Alemanha.” (PINHEIRO, 1995, p. 112) O fortalecimento dessas relações foi de fundamental importância para o Brasil declarar guerra à Alemanha bem como o envio da força expedicionária brasileira que intensificou as hostilidades entre os países do eixo e o Brasil, promovendo como veremos um aumento na repressão interna contra civis oriundos dos países do eixo.<sup>5</sup>

Com o ingresso do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas tentou alinhar com os aliados e projetar uma perspectiva de combate ao nazi-fascismo

---

<sup>5</sup> Consultar o artigo *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial* escrito por Leticia Pinheiro, 1995.

como uma projeção política tanto de combate externo como interno contra o Eixo, portanto o governo brasileiro intensificou a repressão aos estrangeiros descendentes de italianos, japoneses e principalmente alemães no período do conflito (PERAZZO, 2005).

Foi nesse momento que o Brasil rompeu diplomaticamente em janeiro de 1942 por pressão norte-americana com os países do eixo — Alemanha, Itália e Japão — desse momento até o término do conflito em 1945 as ações do governo Vargas estavam voltadas contra o inimigo interno de acordo com Marlene de Fáveri

Entre janeiro a maio de 1945, as ações governamentais estavam voltadas contra os “perigos” representados na imagem do estrangeiro ou de pessoas de ascendência dos países ligados ao Eixo. É nesse momento de “caça às bruxas” que a ideia de conspiração se acirrou e as perseguições policiais passaram a ter lugar assegurado e legitimado (2005, p. 42).

Perseguições por parte do estado aos como foram denominados até mesmo pela imprensa “descendentes do Eixo”<sup>6</sup> ou “quinta-coluna”<sup>7</sup> se tornaram cotidianas, Marlene de Fáveri aponta que “[...] a designação ‘quinta-coluna’[...] ganhou destaque, e não para menos: a polícia apropriou-se deste termo e chegou a produzir um panfleto intitulado *serviço de prevenção contra a quinta-coluna* onde aparecem as mais estereotipadas formas de detectar espíões e ‘traidores da pátria’” (2004, p. 46). Nesse contexto, o governo implementou uma política de isolamento desses indivíduos da sociedade em diversos locais do país que consistiu em removê-los de suas casas e colocá-los em campos de concentração.

O estado de Santa Catarina não foi exceção nesse contexto, promovendo durante a gestão do então governador Nereu Ramos uma perseguição aos “eixistas” e para além, também formou alguns campos de concentração pelo estado.

Com a entrada do Brasil no conflito, Getúlio Vargas fez valer o decreto federal n.º10.358 e seu art. 1º : “É declarado o estado de guerra em todo território nacional.” Através deste a violência contra esses indivíduos além de ser justificada foi legitimada, somando a

---

<sup>6</sup> “Como frisamos, no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães, italianos e japoneses, tiveram suas identidades étnicas estigmatizadas, sendo as três etnias denominadas genericamente de súditos do Eixo.” (SOARES, 2015, p. 4).

<sup>7</sup> O termo quinta-coluna surgiu na Espanha no período da Revolução Espanhola para referir-se à existência de um quinto exército formado por nacionais que estariam na retaguarda lutando a favor de Franco através de atos de sabotagem, boatos, ou espionagem. Essa denominação também passou a ser usada no Brasil contra os brasileiros que foram acusados de ter simpatias pelos eixistas. Nesse sentido, o quinta-coluna passa a ser mais um inimigo incorporado à lista de traidores da pátria (CORDEIRO, 2009, p. 3).

isso uma série de leis impostas ampliava a repressão e possibilita a formação e exclusão dos “Súditos do Eixo” da sociedade, além de incentivar conflitos étnicos, contudo o caminho para as prisões e detenções que passam a ocorrer com frequência em 1942 está formado, assim como a ampliação do cerceamento dos mesmos indivíduos em campos de detenção. Mas não se deve ater que apenas a legislação seria suficientemente em si para geral tal repressão e tal contexto promovido contra os grupos denominados “Inimigos do Eixo”<sup>8</sup>

A existência de uma legislação, amparando a existência dos campos de concentração, não seria suficiente para a existência desses, já que não faltavam no país leis que tiveram pouca ou nenhuma aplicação. Para que o governo pudesse implantar tais campos, era necessário que eles fossem aceitos pela população, bem como seu governo ditatorial, de modo que é possível perceber de que maneira estão imbricadas as normas, a propaganda sistematicamente disseminada, inclusive na mídia, e o suporte, ativo ou passivo, da população. (COVOLAN; MELISSA, 2019, p. 32).

Contudo, pode-se estabelecer que não basta apenas uma legislação que ampare a formação e constituição de campos de concentração, é necessário também que a população apoie tal ideia.

## **2.5. A FORMAÇÃO NO IMAGINÁRIO POPULAR: CRIAÇÃO DO INIMIGO INTERNO “QUINTA COLUNA”**

A imprensa teve papel fundamental na formação do “outro” instigando o conflito interno, portanto, teve participação inquestionável em provocar um clima de suspeição e disseminar rumores e medo na sociedade civil, como Marlene de Fáveri aponta, esta demonização se fortaleceu através dos artigos publicados pela imprensa que rotulava esses indivíduos

Apresentando os estrangeiros e descendentes como inimigos do país e prováveis colaboradores do eixo detonando então um clima de violência. Em Florianópolis, Joinville, Blumenau e outras cidades houve atos públicos, quando a multidão

---

<sup>8</sup> Consultar repúdio aos “Súditos do Eixo”: *legalização dos campos de concentração na era Vargas*, escrito por Fernanda Cristina Covolan e Melissa Pinheiro Almeida (2019). No artigo as autoras estabelecem em sua pesquisa as bases constitucionais para a formação dos campos de concentração no Brasil e os fatores que possibilitaram sua existência.

enfurecida apedrejou casas, pichou muros e paredes , quebrou placas de ruas e lojas com nome alemão [...] (2004, p. 43)

De acordo com Philonila Maria Nogueira Cordeiro

[...] o inimigo criado politicamente na prática da repressão, apontado como suspeito perigoso, mesmo que seu passado não justificasse, era considerado de “tendências” perigosas, corroborando para o constante estado de suspeição que amordaçam aqueles que não estavam contentes com as diretrizes desenvolvidas pelo governo de Vargas. O termo quinta-coluna torna-se assim uma arma, pois qualquer cidadão poderia ser acusado. Nessa ocasião torna-se tão banal que até as crianças ao brincarem na rua, com a intenção de ferir, chamavam os colegas de “quinta-coluna” (2009, P. 4).

Com tal contexto, esses “quinta-coluna” [...] eram levados para presídios e delegacias do estado, ou então confinados em colônias penais agrícolas, ou, em alguns casos, ficavam reclusos até mesmo no próprio local de moradia [...]”(PERAZZO, 2005, p. 31 – 32). As detenções ocorreram em excesso, pois

Era legal deter e depois averiguar a culpabilidade ou não, cuja pena variava entre ficar horas, dias, meses na cadeia local, ou apresentar-se diariamente ao delegado. Em caso de transgressão, ou não cumprimento da ordem, era aberto processo e os “mais perigos” eram afastados da cidade, ou encaminhados para o campo de concentração em Trindade. Entre 27 de janeiro de 1942 e 27 de janeiro de 1943 , foram realizadas 1.227 detenções e aberto 27 inquéritos por reincidência do uso de idiomas alemão ou italiano, em Santa Catarina, conforme relatório do delegado de ordem policial e social [...] (FÁVERI, 2004, p. 96 – 97).

Além disso, práticas comuns do dia a dia foram criminalizadas, como falar idioma que não o português, perseguições e prisões arbitrárias também ocorreram, por isso os imigrantes viviam em atenção já que qualquer deslize culminava em sanção.

Tal atenção não era só devido à polícia, mas também por haver vizinhos delatores. Marlene de Fáveri aponta como a criminalização da fala aconteceu colocando o exemplo de pessoas que eram denunciadas por falar alemão em seu estabelecimento, outro caso de pessoas como “Andreas foi apanhado em flagrante, permitindo o uso do idioma alemão em sua casa comercial, onde fazem reuniões ‘existentes’” [...] (2004, p. 95).

## 2.6 A PROBLEMÁTICA NA ABORDAGEM DO TERMO “CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO” NO BRASIL

Existe uma preocupação em esclarecermos que o conceito de “campos de concentração” não é uma invenção do século XX, antecedendo os mesmos, indivíduos considerados indesejáveis ou incômodos a sociedade sempre foram excluídos e isolados, de acordo com Priscila Ferreira Perazzo

[...] o Santo Ofício na Europa dos séculos XV e XVI confinava os hereges nos cárceres inquisitoriais. Mais tarde, os “loucos” foram internados em hospícios e manicômios. [...] segundo Michel Foucault, a prática de internamento de leprosos ou loucos muito se aproximou da prática penitenciária desenvolvida a partir do século XIX [...]” (2005, p. 27).

Ao longo do século XIX essa prática foi cada vez mais utilizada, na primeira metade do século XX em especial na Segunda Guerra Mundial ela se torna evidenciada e amplamente usada por diversos países do globo, independentemente do modelo de regime adotado, Priscila Ferreira Perazzo atribui que “[...] foi a prática de internamento de civis que diferenciou-se do que ocorrera em situações de guerra anteriores.” (2005, p. 31), portanto apesar dos regimes totalitários do séc XX utilizaram amplamente de campos de concentração, estes não foram uma criação desses regimes e a diferença imposta por eles está na repreensão e concentração de civis.

Diante disso se amplia as percepções do conceito, “Nos Estados Unidos os japoneses residentes no Havaí foram retirados da ilha e internados no continente. Eles também recebiam os estrangeiros indesejáveis de outros países “[...] como do Peru, que chegou a deportar para lá mil e oitocentas japoneses.” (PERAZZO, 2005, p. 31), assim como ocorreu no Brasil em relação aos denominados “Súditos do Eixo”.

Hannah Arendt aponta que existem três modelos de campos de concentração. O primeiro atribuiria trabalhos forçados aos indivíduos, mas ainda os atribuía relativa liberdade, no segundo modelo seria explorado o trabalho de tal maneira que ocasionaria um alto índice de mortalidade e por último os campos de extermínio onde os indivíduos seriam mortos por fome ou de forma direta.<sup>9</sup> Contudo, podemos atribuir que a utilização do termo “Campos de

---

<sup>9</sup> Jéssica Tatiane Felizardo e José Luiz de Oliveira relacionam as análises de Hannah Arendt com os campos de concentração em seu artigo intitulado **As análises de Hannah Arendt acerca dos campos de concentração e suas relações com o "holocausto brasileiro,** 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272017000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200009). Acesso em 20/07/2023.

Concentração” é muito mais ampla que somente os campos de extermínio ocorridos na Europa no contexto da Segunda Guerra Mundial.

No contexto brasileiro a referência a esses locais de confinamento partia do próprio governo ao se referir aos mesmos, “É possível perceber que o termo Campo de Concentração era usado recorrentemente nessa época, nos documentos oficiais do governo, no discurso da imprensa, nos inquéritos policiais ou nos diálogos dos cidadãos.” (PERAZZO, 2003, p. 942) e também “É o que se vê principalmente na imprensa”. (COVOLAN; MELISSA, 2019, p. 22).

Esses campos de concentração existiam por diversos estados do Brasil, com isso, diferenciações entre as formas e condições desses locais existem variando conforme o estado ao qual se encontra. Perazzo (2005), estabelece que os campos de concentração eram regulados por leis estaduais e que apesar das diferenciações estaduais algumas semelhanças entre eles podem ser destacadas, era de praxe esses locais serem voltados ao trabalho agrícola com utilização dos internos, assim como em questão de quantia de internos a maioria era de alemães, seguindo por italianos e por último japoneses.

Atentando mais especificamente aos campos de Santa Catarina, “Em 1944 o número de presos alemães em Trindade caíra para quarenta e quatro, enquanto que o Oscar Schneider, em Joinville, acomodava apenas quatro alemães, apesar da sua capacidade para alojar até duzentos presos.” (PERAZZO, 2005, p.39).

As condições Oscar Schneider em Joinville foram consideradas de boa salubridade, pois as celas eram espaçosas e tinham camas, uma mesa e um banco. Sobre os campos de Trindade e Joinville foi relatado em correspondências da Embaixada Alemã na Espanha, para o Ministério do Exterior em Berlim a seguinte situação

Ambos os campos dispõem de vastas áreas para a prática de esportes e passeios ao ar livre. Não há trabalhos forçados. Além da saudável alimentação fornecida pelo Estado, os prisioneiros recebem de seus familiares alimentos em quantidades de cerca de 120 quilos por semana. É permitida a remessa de cartas, sendo que atualmente são despachadas cerca de cem por semana. As autoridades construíram em Trindade um moderno pavilhão, equipado com boas instalações sanitárias e que dispõe de serviço médico. Os doentes são transferidos para um moderno hospital na cidade. Além disso, há outros dois pavilhões disponíveis, na época ocupados por 5 internos, que solicitaram serem transferidos para lá (PERAZZO, 2005, p. 39).

Sobre o Oscar Schneider não se sabe ao certo o número de detidos nesse presídio, de acordo com relatório as condições eram muito melhores, apesar do número ser incerto, diariamente os jornais noticiaram prisões, todo esse contexto criava o imaginário de medo motivando novas denúncias por parte da população.

Segundo o relatório do Departamento de Ordem Política e Social, entre janeiro de 1942 e janeiro de 1943, foram efetuadas 695 detenções por motivo de Segurança Nacional, sendo que destes detentos, 456 foram postos em liberdade por não se ter apurado gravidade; 15, por terem os processos arquivados pelo Tribunal de Segurança Nacional; e 2, por pena cumprida no mesmo Tribunal, sendo que os demais continuavam detidos naquela data, incluindo 36 deles que estavam cumprindo pena na Ilha Grande - Colônia Penal Cândido Mendes. Já nas fichas constantes nos processos abertos pelo Tribunal de Segurança Nacional, especificamente do Estado de Santa Catarina, verifica-se que o número final é 6.036, mas somente 293 processos estão disponíveis, sem notícias dos demais, e em números alternados até o fim da guerra, o que dificulta aproximações sobre quantas foram estas prisões (FÁVERI, 2010, p. 206).

A detenção nas cadeias locais era sempre temporária, muitas vezes o indivíduo era detido e libertado no dia posterior ou no mesmo, entretanto se fosse encaminhado a alguma das penitenciárias a saída ficaria mais difícil em quase todos os casos, sendo realizada ao fim do estado de guerra. As redes de espionagem existiam de fato, mas no estado novo centenas de alemães foram presos sem se comprovar crime algum, bastando a denúncia para tirá-los de circulação.

No estudo da temática referida aos campos brasileiros a diferenciação é algo fundamental para não ocorrer interpretações incorretas da realidade dos fatos.

## **2.7 A PRESENÇA NAZISTA EM SANTA CATARINA**

Mas de fato havia a possibilidade desses imigrantes serem espiões infiltrados no Brasil? A quinta-coluna era plausível de evidências? De fato, houve um movimento nazifascista no Brasil, em especial na década de 1930, de acordo com João Henrique Zanelatto (2015) Santa Catarina possui um dos canais para a difusão das ideias e a crescente popularidade dos fascismos europeus e do integralismo através da imprensa. Na imprensa, pode-se evidenciar sua ligação com o mundo da política, onde através dela se pode mapear sua significativa participação no processo de constituição e ampliação de uma esfera pública de influência e atuação desses ideais, onde por sua vez tem papel decisivo na formação da opinião pública e na divulgação das opiniões políticas nazi-fascistas. É um canal de mobilização política que atua na convocação, no engajamento, na confrontação de ideias e na coesão de grupo que foi decisivo nos processos históricos de edificação nacional e na

construção das identidades culturais.<sup>10</sup> Contudo, com a guinada ao lado dos aliados, essa balança mudou em meados da década de 1940.

Como aponta René E. Gertz, em 1937 no período que representou o auge da aproximação brasileira e alemã se constatou cerca de 100.000 cidadãos alemães no Brasil, e cabe estabelecer que proporcionalmente era discrepante a quantia de nazistas presentes no Brasil para compararmos com a quantia de alemães no território, de acordo com Gertz

Por tudo isso, a referência bibliográfica feita até esse ponto permite concluir que, mesmo tomando os números mais altos sugeridos por Ana Maria Dietrich, teríamos — arredondando para mais — algo como 15.000 “nazistas” no Brasil. Isso são 15% dos pressupostos 100.000 cidadãos alemães que viviam no país — esses números e esses percentuais não deixam dúvidas: os 85% que não se filiaram ao partido são bem mais que os 15% que aderiram (2022, p. 266).

René E. Gertz ainda estabelece em sua tese que não haveria comprovação sólida afirmando que o governo nazista tenha criado e disseminado um plano político-militar tendo em vista o sul do Brasil, e que todas as ações remetem às relações amigáveis entre Brasil e Alemanha que ocorriam com veemência desde 1933. Assim sendo, os acontecimentos com os alemães no sul do Brasil não devem ser explicados por fatores externos, mas sim pelo contexto interno.<sup>11</sup>

Já Ana Maria Dietrich aponta que de 1930 a 1940 no estado de Santa Catarina, de um universo de 11.291 alemães, apenas 528 eram partidários do partido nazista.

No âmbito internacional, o partido visava incentivar as relações comerciais, políticas e culturais entre o Brasil e a Alemanha por intermédio dos partidários presentes na Embaixada e representações consulares da Alemanha no Brasil. Estas relações tiveram um incremento de 1933 a 1936 — neste último ano as embaixadas foram criadas em ambos os países. Em 1938, houve um ruído nestas relações com a proibição do partido. O período de 1939 e 1941 é dúbio, considerando-se a neutralidade brasileira que não permitia, por exemplo, que propaganda política antinazista fosse feita no Brasil. Nesse período, houve algumas tentativas de aproximação, até chegar ao ano de 1942, quando houve o rompimento (2007, p. 155).

Nessa percepção se pode estabelecer que não havia motivos de preocupações reais com uma possível quinta-coluna no Brasil e em Santa Catarina, tendo como base que a

---

<sup>10</sup> Consultar o artigo publicado por João Henrique Zanelatto intitulado **Os fascismos na imprensa de santa catarina**, 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434399146\\_ARQUIVO\\_ArtigoAnphu2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434399146_ARQUIVO_ArtigoAnphu2015.pdf) . Acesso em 20/07/2023.

<sup>11</sup> Consultando **Verdades e dúvidas em relação a nazismo e neonazismo no Brasil** Segundo ele, “não há indícios consistentes de que a Alemanha nazista tenha elaborado planos para uma estratégia político-militar no sul do Brasil” (2022, p. 261).

atuação partidária nazista no país estava dedicada nas relações formais entre Brasil e Alemanha.

### 3. HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA: OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM SANTA CATARINA

#### 3.1 PERSPECTIVAS SOBRE A METODOLOGIA NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Em nosso trabalho buscaremos, como já mencionado, estabelecer uma compreensão de como a historiografia contemporânea trabalhou as temáticas envolvendo a opressão contra a população civil imigrante brasileira que no contexto da Segunda Guerra Mundial foi colocada como inimiga da sociedade.

Para o desenvolvimento de tal pesquisa, temos consciência que em primeiro momento precisamos ter o conhecimento das pesquisas e trabalhos já produzidos sobre em diversos recortes de tempo. E também ter a consciência de que essas produções serão as fontes da pesquisa e considerá-las como tal, para não arriscar levá-las como palavra final do tema em questão, como corroborado por Rogério Forastieri da Silva

Em primeiro lugar, expressam a consciência de que para efetuar um estudo historiográfico **o pesquisador deve ter conhecimento da diversidade dos estudos historiográficos e da própria história destes estudos**, sob a pena de incorrer numa armadilha muito comum neste gênero de trabalho, a qual consiste em acreditar que o objeto de de sua pesquisa, que a estratégia que adotou e o conteúdo que veicula constituem a última palavra sobre a matéria em questão (2001, p. 17, grifo nosso).

Os estudos historiográficos podem ser subdivididos em quatro tipos de pesquisa de acordo com Rogério Forastieri da Silva (2001):

1. Os estudos historiográficos que têm como alvo um autor e o conjunto de suas obras, ou uma comparação entre autores e algumas de suas respectivas obras, que pode ter por interesse investigar, por exemplo, a forma ou estilo de escrita, ou a forma que os autores objeto de comparação vieram a tratar de determinados temas, **ou dentro de um mesmo período da história contemporânea comparar autores.**
2. Os estudos historiográficos nacionais, ou seja, os que possuem por alvo apresentar a historiografia de um determinado país, os estudos historiográficos de uma época, seja no sentido meramente cronológico (historiografia do século XIX, por exemplo) ou no sentido de um critério não rigorosamente cronológico (historiografia do *risorgimento*, por exemplo), estudos historiográficos sobre determinada escola histórica ou tendência historiográfica envolvendo, neste caso, os vários autores e várias obras que caracterizam o período, ou escola ou tendência.

3. Os estudos historiográficos que tem por finalidade saber como um determinado tema tem sido tratado ao longo do tempo, por vários autores e várias obras, ou da perspectiva das tendências ou escolas históricas;
4. Os estudos historiográficos gerais, mais amplos, **que tem por finalidade oferecer um panorama de produção historiográfica como um todo** (2001, p. 22 – 23, grifo nosso) <sup>12</sup>

Com base nas categorias apresentadas, nossa análise pode ser entendida no primeiro grupo dos estudos historiográficos e no quarto, tendo em vista que utilizaremos três autores da historiografia contemporânea sobre uma temática específica em uma região do país delimitada com um recorte cronológico específico. E também, analisaremos a historiografia geral sobre a temática.

Entretanto, temos que ter em mente que apesar de muitas obras da história da historiografia serem criticadas como catálogos de autores e obras, elas se fazem necessária, pois segundo Rogério Forastieri da Silva “[...] pelas próprias características deste gênero de estudo, é inevitável a referência a outros autores e obras: afinal, eles são o centro da investigação, bem como sua documentação básica.” (2001, p. 25) tal percepção pode ser vista no trabalho de Érika Uhiara que realiza uma vasta pesquisa sobre os trabalhos de José Honório Rodrigues onde afirma com base em sua dissertação que

Para Rodrigues, a história constituía-se do fato vivido ou da sua narração (em moldes científicos ou não), enquanto a historiografia (a história da história) consistia num estudo interessado em desvendar a compreensão que tinham aqueles que narraram histórias, traço do historicismo em sua teoria. É importante ressaltar que, **para José Honório, a construção da história da historiografia deveria ser feita através do levantamento de autores e obras, seguido da interpretação crítica destes escritos** (UHIARA, 2014, p. 55 – 56, grifo nosso).

Portanto, esse seria o básico quando se propõe ao estudo no campo da revisão historiográfica, a análise dos autores e obras é indispensável e inevitável para tal estudo, entretanto, deve ser considerado a análise das produções, seus objetivos e perspectivas, pois de acordo com Érika Uhiara

---

<sup>12</sup> Em seu livro *História e Historiografia: capítulos para uma história das histórias da historiografia*, o autor sintetiza os quatro modelos que podem surgir de um trabalho historiográfico, assim como aloca diversas pesquisas estudadas pelo mesmo agrupando nas categorias.

A metodologia de trabalho se fará através da história crítica, porém, a ‘posição existencial’ do historiador deve ser de compromisso com o presente já que é dele que se parte para investigar o passado. As inquietações presentes do historiador, sua visão de mundo, que norteiam a investigação que faz do passado (2014, p. 48).

Para estabelecermos uma metodologia que será aplicada as fontes selecionadas foi elaborado uma série de questões que serão atribuídas as fontes analisadas, as questões foram pensadas para estabelecer uma resposta a questão central proposta: como a historiografia contemporânea vem trabalhando a temática envolvendo os campos de concentração e a perseguição a esses quinta colunas? A proposta das questões é realizar um mapeamento a partir delas das fontes selecionadas para análise tendo em vista nosso objetivo central.

Para realizar uma análise das produções envolvendo a temática foram selecionados 3 textos pensando em um recorte temporal que visasse notar certas divergências ao longo do tempo (2001 – 2007 – 2010) bem como um recorte geográfico visando o estado de Santa Catarina. Os trabalhos de Marlene de Fáveri assim como os da Priscila Ferreira Perazzo foram trabalhados amplamente inclusive pelas fontes que serão analisadas, com isso foi optado pela não utilização destes como objeto de análise tendo em vista que todos os outros objetos se utilizam deles para embasamento teórico.

Foram escolhidas então a dissertação de José Francisco Albino intitulada *A nacionalização no Estado Novo e a ameaça alemã, um olhar em São Pedro de Alcântara (1937 – 1945)* defendida em 2001; a dissertação de Janaina Santos de Macedo intitulada *Campos de concentração em Santa Catarina e os conflitos envolvendo alemães e descendentes durante o Estado Novo* defendida em 2007 e fechando nossa análise o Trabalho de Conclusão de Curso escrito por Renan Borges Gonçalves intitulado *O confinamento de imigrantes e descendentes de italianos e alemães no Vale Do Araranguá durante a 2ª Guerra Mundial*. Nas fontes aplicamos os questionamentos referentes ao “Quadro de Perguntas” elaborado, bem como tentaremos identificar alguns pontos de concordância.

**TABELA 1: QUADRO DE PERGUNTAS FORMULADAS AS FONTES**

Qual ou quais as terminologias utilizadas pelos autores ao se referir aos campos brasileiros?
Qual ou quais as terminologias utilizadas pelos autores a se referir aos indivíduos perseguidos?
Quais as fontes utilizadas pelos autores para embasar seu trabalho?
Qual a metodologia de pesquisa e a linha teórica dos autores?
Quais os objetivos traçados pelos autores?
Qual a motivação dos autores a estudar tal temática?
Existem lacunas de compreensão nos trabalhos dos autores na referência dos mesmos em relação aos Campos de Concentração?
Qual autor, referência é utilizado para iniciar os diálogos sobre os Campos de Concentração?
Quais dificuldades no estudo da temática são apontadas pelos autores?

Fonte: elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023).

### 3.2 LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Tendo em vista que nosso objetivo é analisar a abordagem da historiografia sobre uma temática em específico, foi realizado um levantamento de produções ligadas a tal. Essa pesquisa foi produzida utilizando-se de plataformas digitais de pesquisas como o “Google Acadêmico”, o qual é amplamente usado pelo mundo acadêmico em pesquisas diversas, e foi o precursor de todas minhas pesquisas durante a graduação até o momento. Isso, pois já apresentava direcionamento para os trabalhos que possuíam versões digitalizadas e sugeria outros trabalhos que o citaram, entre outras facilidades para aprofundamento de temáticas.

Somando aos resultados foi proferido pesquisas no “Catálogo de teses e dissertações da CAPES” que embora tenha um conjunto de produções catalogadas que são extremamente

necessárias e iniciais em qualquer pesquisa não possui direcionamento no site para tais produções.

Foram utilizados esses dois mecanismos de pesquisa tendo em vista duas situações, a primeira é que foi possível realizar uma pesquisa mais rápida e ágil do que seria caso a opção fosse vasculhar todos os repositórios digitais das universidades brasileiras, que tendem a possuir um sistema menos eficaz de procura; a segunda é que essas são as ferramentas iniciais em qualquer trabalho acadêmico, portanto qualquer estudante que busca conhecimento sobre a temática por nós analisada encontraria os resultados que conseguimos. Nesse momento exploraremos as informações que conseguimos através do levantamento de dados e produções acadêmicas sobre, pois o próprio levantamento pode fornecer informações valiosas sobre a historiografia.

Através dessas duas plataformas foram realizadas incursões de pesquisas buscando por termos-chave que remetesse a qualquer pesquisa que ligasse ao nosso objeto de análise. Contudo, apesar de diversos outros títulos terem sido utilizados como termo de pesquisa, conseguimos retorno apenas com 7 procuras, sendo os seguintes buscadores:

**TABELA 2: QUADRO DE TERMOS PESQUISADOS**

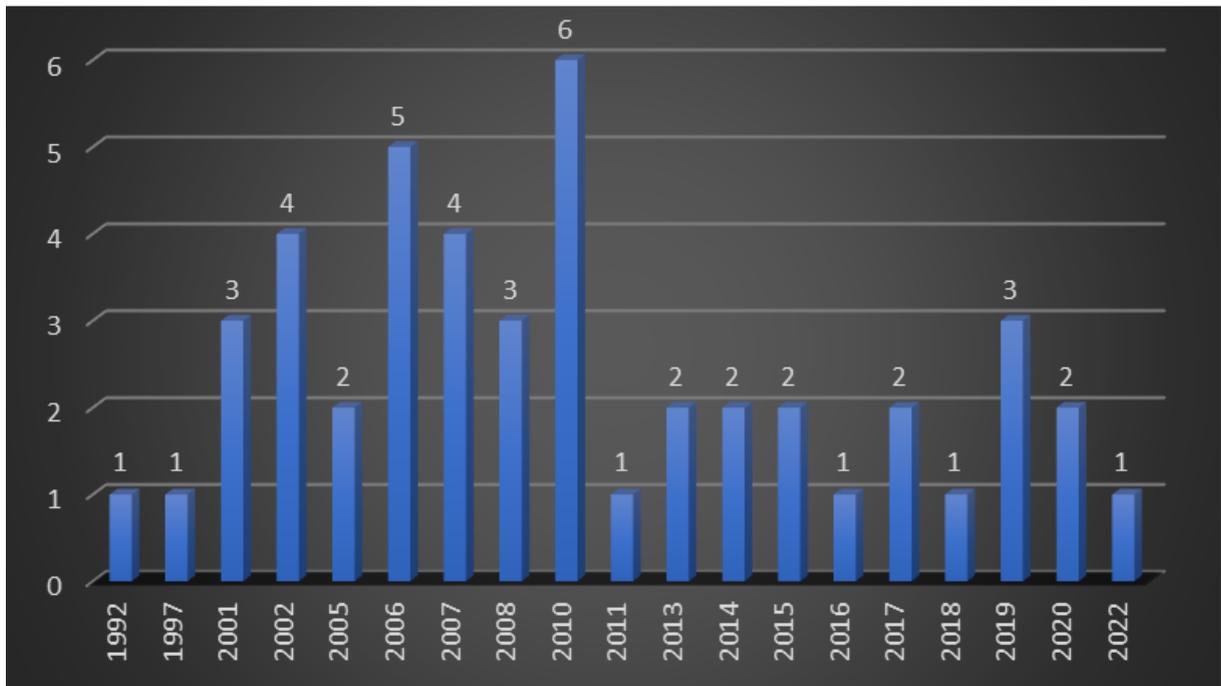
Campos de Concentração no Brasil
Quinta-coluna no Brasil
Prisioneiros de guerra no Brasil
Opressão civil durante a Segunda Guerra Mundial
Perseguição contra alemães no Estado Novo
Perseguição aos súditos do eixo
Perseguição aos alemães, italianos e japoneses

Fonte: elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023).

Com base nos resultados do levantamento online foram constatadas cerca de 46 publicações envolvendo a temática em torno dos Campos de Concentração e perseguição aos

alemães, italianos e japoneses durante o período da Segunda Guerra Mundial, esses trabalhos acadêmicos estão datados entre os anos de 1992 a 2022. Com base no gráfico 1 abaixo podemos notar a distribuição dos textos por ano de publicação.

**Gráfico 1:** Publicações acadêmicas sobre os “Campos de Concentração brasileiros” por ano.

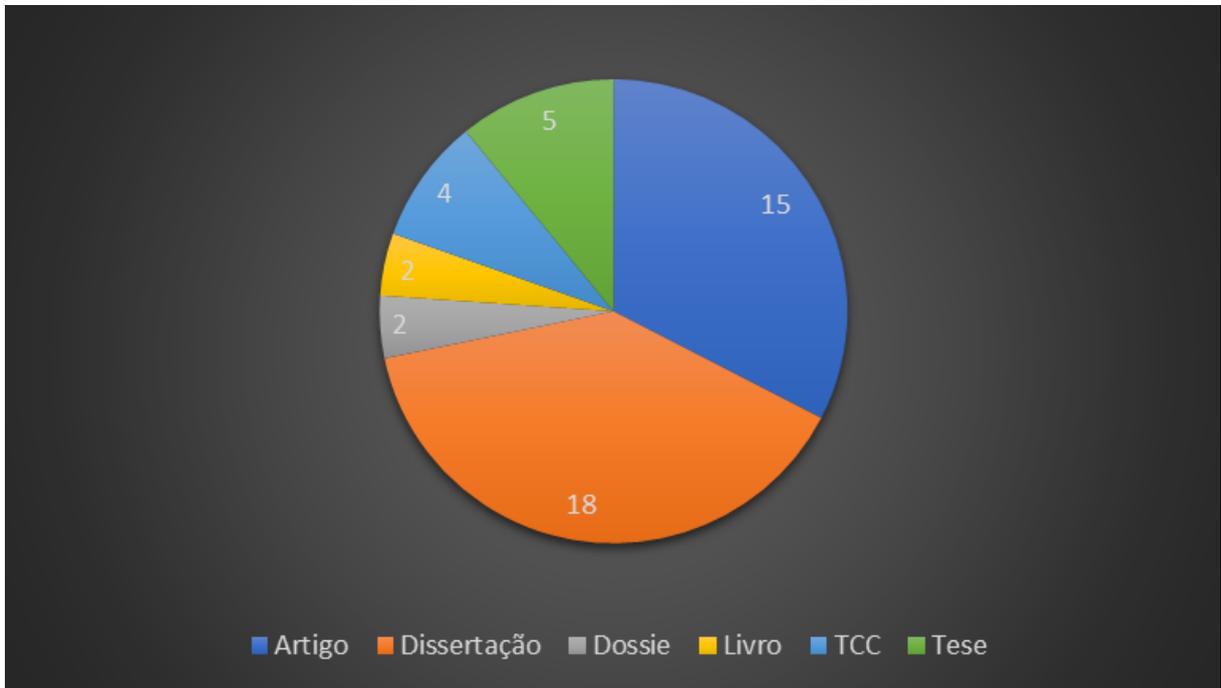


Fonte: elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023).

Através do gráfico 1, podemos notar a evidência que as produções ganharam nos anos de 2001 a 2010, somando nestes nove anos um total de 27 textos voltados a temática. Esse numero representa 59% do total de produções dos 30 anos do levantamento, esse aumento significativo nesse curto período de tempo do ponto de vista acadêmico será melhor abordado em outro momento. Do total de 27 produções temos a seguinte disposição durante o período mencionado: 11 foram dissertações, 3 trabalhos de conclusão de curso, 5 teses, 1 livro, 5 artigos e 2 Dossiês publicados em revistas.

Quando analisamos nessa perspectiva podemos comparar com outro dado coletado que nos mostra a subdivisão das produções por segmento — Artigo, Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertação, Tese, Livro ou Dossiê — no gráfico 2 abaixo podemos acompanhar esses resultados

**Gráfico 2:** Publicações acadêmicas sobre os “Campos de Concentração brasileiros” por segmento



Fonte: elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023).

Como indicado o total de textos ao longo dos 30 anos de produção acadêmica foram computados pelo nosso estudo cerca de 46 obras e destas 18 são dissertações apresentadas a programas de pós-graduação de diversas universidades. Apenas entre os 9 anos (2001 – 2010) foram produzidas 11 dissertações, correspondendo a uma representatividade de 61% do total de todas as Dissertações listadas juntamente com 100% das Teses sobre a temática, esse dado corrobora uma maior dedicação de pesquisadores em programas de pós-graduação se debruçando sobre a temática nesse período em específico.

Na perspectiva da nossa exploração, um dos motivadores para esse “boom” de produções é derivado de uma sequência de teses publicadas no ano de 2002, incluindo aqui dois textos muito referenciados na temática *Prisioneiros de guerra: os cidadãos do Eixo nos campos de concentração brasileiros (1942 – 1945)* escrito por Priscila Ferreira Perazzo e *Memórias de uma outra guerra cotidiano e medo durante a segunda guerra em Santa Catarina* escrito por Marlene de Fáveri, esses dois são os estudos mais bem referenciados em trabalhos que vieram posterior e se dedicam ao estudo da temática.

Ambos os trabalhos são vastos, incluindo a transformação e publicação de suas respectivas teses em livros e a publicação de ambas as autoras de outros artigos posteriores.

Marlene de Fáveri possui 5 publicações em nosso banco de dados, sendo sua tese em 2002, 2 artigos em 2006, bem como seu livro fundamentado em sua tese no mesmo ano, 1 dossiê em 2010 e 1 artigo em 2020. Seu livro ainda foi utilizado como fonte de estudo para outros trabalhos<sup>13</sup> pela sua completa e bem feita entrevista com indivíduos que sofreram tais perseguições no período. Já Priscila Ferreira Perazzo pode ser considerada uma das pioneiras nas temáticas analisadas envolvendo a perseguição a imigrantes no Brasil no período do Estado Novo, Possuindo sua Dissertação em 1997, sua tese defendida em 2002, um Dossiê em 2005 e um artigo em 2008. Contudo, sua dissertação e sua tese foram os 2 únicos textos do nosso levantamento que localizamos o título nas pesquisas, entretanto não encontramos e não tivemos acesso online ao mesmo.

Juntamente a elas, o texto de José Plínio Guimarães Fachel intitulado *As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*, também foi publicado em 2002. Posterior a isso ano de 2005 surge a primeira dissertação e no ano de 2006 são defendidas outras 3, portanto como mencionado essas teses publicadas em 2002 abriram as portas para diversos outros estudos serem realizados em relação à temática.

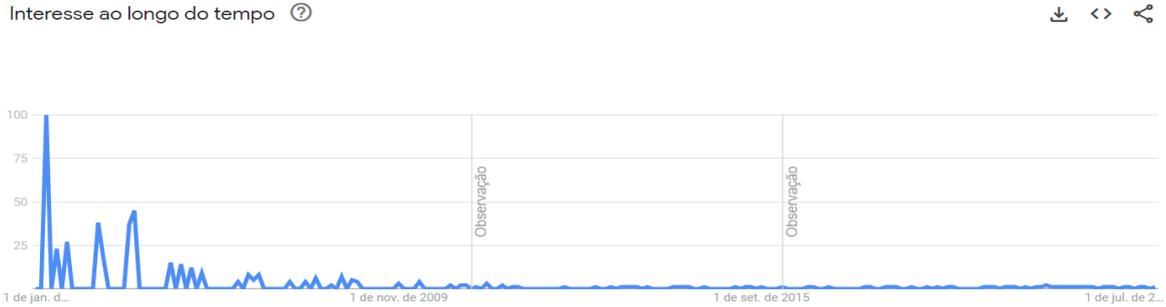
Outra ferramenta que utilizamos para acentuar a investigação foi o “Google Trends”, uma função associada a plataforma Google que permite mapear e investigar frequência de pesquisas em determinados assuntos em um período específico. Entretanto, esse mecanismo é limitado fornecendo dados somente a partir do ano de 2004, assim sendo suas pesquisas devem ser posteriores a essa data.

Ao realizar uma busca pelo ano de “2004 a 2022” na plataforma pelo termo de pesquisa “Campos de concentração no Brasil” identificamos os resultados computados pelo navegador no Gráfico 3. Com a busca pelo Termo “Nazismo no Brasil” identificamos o gráfico 4, e cruzando ambos obtivemos o gráfico 5. As delimitações impostas na pesquisa foram regionais, “Brasil” e temporal entre 01/01/2004 até 01/01/2022 para conseguirmos ter uma percepção total.

---

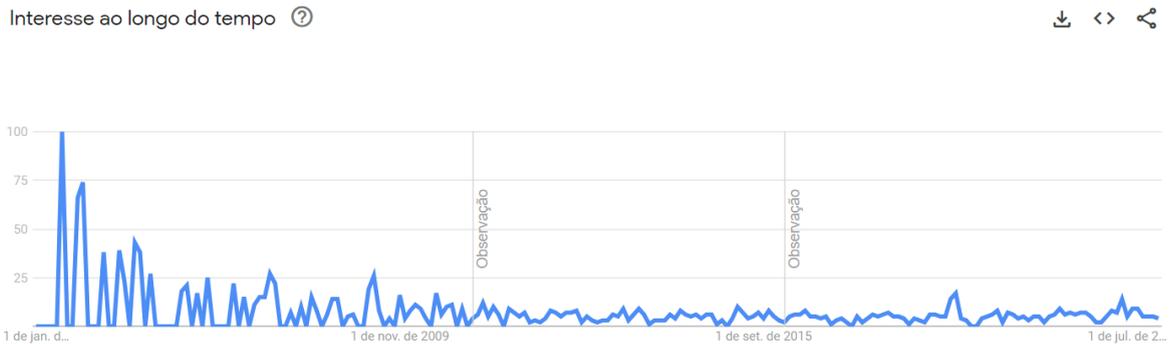
<sup>13</sup> Em seu artigo intitulado **Os reflexos da Segunda Guerra Mundial na população do Vale do Itajaí através dos relatos orais de imigrantes alemães**, Geneci Guimarães De Oliveira utiliza fontes escritas do período como periódicos e revistas, mas também usa relatos orais coletados por Marlene de Fáveri para dar voz aos indivíduos perseguidos.

**Gráfico 3:** Interesse de pesquisa pelo termo “Campos de Concentração no Brasil”



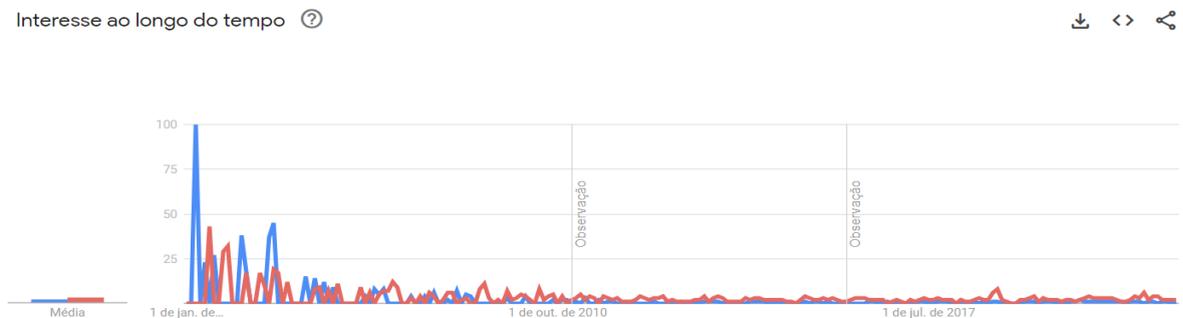
Fonte: Google Trends, termo de pesquisa “Campos de concentração no Brasil” 2004 – 2022 . Elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023).

**Gráfico 4:** interesse de pesquisa pelo termo “Nazismo no Brasil”



Fonte: Google Trends. Termo de pesquisa “Nazismo no Brasil” 2004 – 2022. Elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023).

**Gráfico 5:** Relação de dados de pesquisa 3 e 4



Fonte: Google Trends. Cruzamentos dados gráficos A e B — Linha azul corresponde ao termo Campos de Concentração e linha vermelha nazismo no Brasil. Elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023).

Com base nos dados coletados se evidenciou inúmeras pesquisas realizadas no Google pelos termos relacionados a temática nesse período. Os gráficos constataam que o pico das pesquisas no ano de 2004 e 2005 com diminuição repentina nos anos posteriores. Em agosto de 2005 notamos a última elevação de pesquisas pelos termos, já em setembro e outubro o número caiu repentinamente. No gráfico 6 observamos a sobreposição de outros 2 termos que foram relacionados utilizando o Google Trends.

**Gráfico 6:** Interesse de pesquisa pelos termos “Neonazismo” e “Nazismo no Brasil”

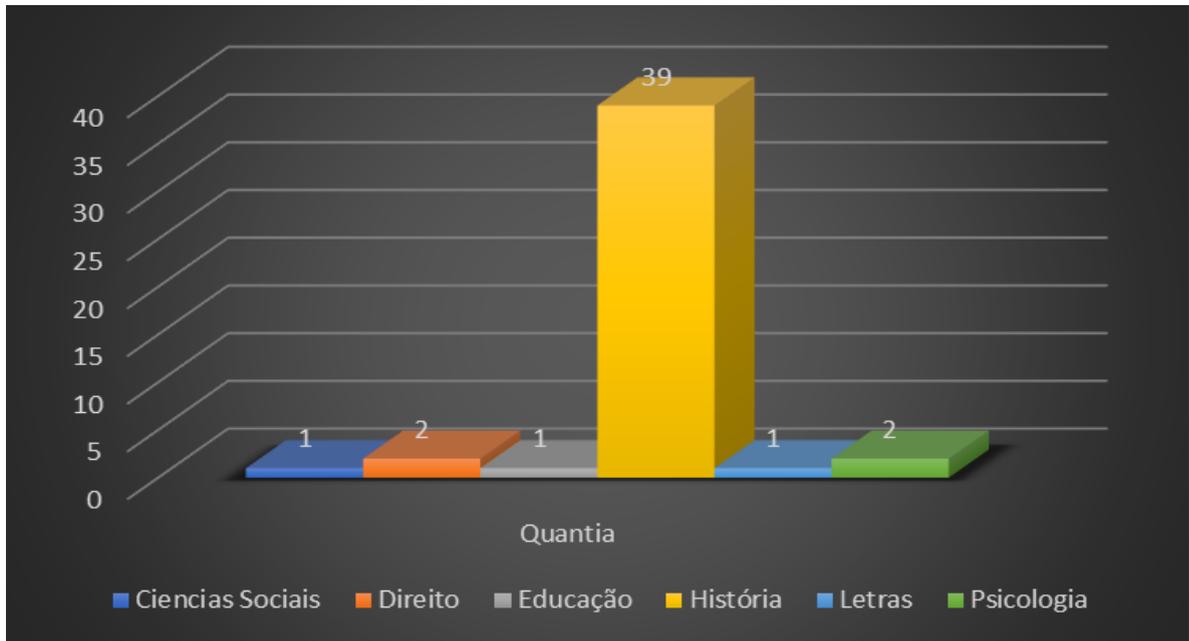


Fonte: Google Trends. A linha vermelha relaciona a busca pelo termo neonazismo com a linha azul que busca sobre o termo nazismo no Brasil — Recorte 2004 – 2010. Elaborado por Paulo Ricardo Gessi, 2023.

Analisando por essa perspectiva, pesquisas ideológicas também se sobressaíram no período de 2004 a 2006. Com isso, podemos estabelecer que o aumento dos estudos sobre a perseguição aos descendentes de alemães, italianos e japoneses no período vem com uma problemática na qual a sociedade estava ligada no período, tendo em vista o índice de pesquisas relacionadas ao nazismo. Assim sendo, reitero a afirmação de Rogério Forastieri da Silva “os homens muitas vezes buscam no passado responder problemas do seu presente” (2001, p. 62 – 63) Essas produções acadêmicas estariam sendo condicionadas a essas pesquisas por uma necessidade de responder problemas de seu presente? Com isso reformulou novamente nossa problemática de pesquisa, como essas fontes históricas de informação estão trabalhando com o tema? Essa questão será melhor elaborada mais a frente na pesquisa.

Apesar da temática ser quase que totalmente explorada pelo campo da história, outras produções aparecem em outros campos distintos como podemos observar no gráfico 7 abaixo destaque aqui o trabalho já citado *Repúdio aos “súditos do eixo”: legalização dos campos de concentração na Era Vargas* escrito por Fernanda Cristina Covolan e Melissa Pinheiro Almeida, seu texto na área do direito visa evidenciar as bases legais utilizadas pelo governo Vargas, bem como possibilitou que houvesse tal contexto.

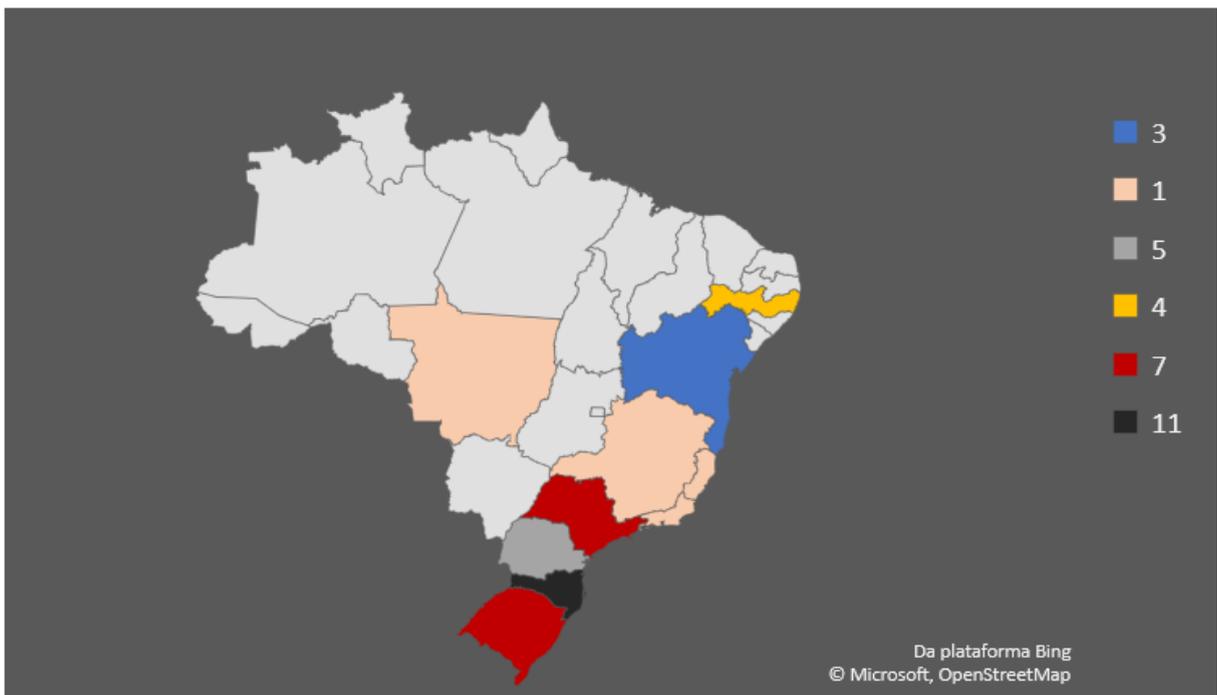
**Gráfico 7:** Publicações acadêmicas sobre os “Campos de Concentração brasileiros” área de estudo



Fonte: elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023)

Outro dado bem perceptível de se notar está na relação dos locais onde os estudos foram produzidos. A partir das informações do levantamento realizado podemos notar a distribuição das produções por estado do Brasil.

**Gráfico 8:** Publicações acadêmicas sobre os “Campos de Concentração brasileiros” por estado



Fonte: elaborado por Paulo Ricardo Gessi (2023)

Podemos notar com base no mapa acima que a região sul e sudeste possui uma grande quantidade de produções. A região sul possui 23 produções envolvendo a temática; região sudeste 10; nordeste 7; centro oeste 1; associando estas informações constatamos uma maior “preocupação historiográfica” com a temática na região sul, onde representou a publicação de 54% de todas as obras do nosso levantamento. As duas Universidades Federais com maior número de textos sobre a temática são a USP e a UFSC.

Podemos constatar, portanto, que a abundância de publicações no período entre 2001 – 2010 da historiografia pode estar relacionada a uma recuperação de memória dessa população, bem como essa recuperação é reflexo de um problema refletido na historiografia por sua contemporaneidade.

### **3.3 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE SANTA CATARINA**

Tendo em vista ampliar a percepção sobre essas obras a um nível mais detalhado, será realizado uma análise das produções já mencionadas para corroborar ainda mais com os dados do levantamento e complementar as conclusões sobre a historiografia referente aos Campos de Concentração em Santa Catarina durante o período de 2000 – 2010.

José Francisco Albino em sua Dissertação visa expor a situação dos imigrantes alemães que aqui viviam e entender pela perspectiva dos perseguidos o contexto em que foram submetidos no Estado Novo na região de São Pedro de Alcântara. Seu objetivo seria

Perceber as práticas utilizadas pelo estado para efetivar esta padronização cultural, numa tentativa de modificar comportamentos que já estavam estabelecidos e alicerçados no cotidiano das comunidades[...] assim como análise e perceber as construções que se articula em algumas regiões de Santa Catarina” (2001, p. 10 – 11).

O autor embasa seu trabalho nas análises de textos e documentos produzidos no período, assim como diversos acervos, em especial o arquivo público de Santa Catarina, o de São José e de Itajaí, para discorrer os 3 primeiros capítulos, já o capítulo 4 o autor se utiliza de depoimentos orais de imigrantes. Algo notável é a utilização de gibis produzidos com

intuito de propaganda como fonte. As fontes a todo momento são conflitadas com outras juntamente com aporte bibliográfico, em especial as fontes documentais.

Dentre os aportes bibliográficos utilizados por Albino em sua dissertação resalto aqui a relevância de 3 autores, René Gertz, Priscila Ferreira Perazzo, Luiz Felipe Falcão e Giralda Seyferth apesar de haver outros estes foram os mais referenciados e citados ao longo de sua pesquisa. Ao tocar no assunto relacionado aos Campos de Concentração, o autor recorre diretamente a Perazzo, mostrando novamente a fundamental relevância que sua obra tem para a temática.

Em seu texto o autor não estabelece a preocupação em definir o termo “Campo de Concentração”, deixando a brecha para possível associação do termo para com os campos de extermínio ocorridos na Europa. Contudo, a falta da definição não faria falta a um leitor atento que identificaria nas características apresentadas por ele dos campos brasileiros a diferenciação gigantesca. Entretanto, há, sim, a possibilidade de se estabelecer uma associação com a perseguição e o contexto em que a Europa esteve submetida.

O autor se utiliza muita do termo “quinta-coluna” para se referir aos indivíduos perseguidos, isso pode se relacionar a questão da crítica do autor ao livro *A 5ª coluna no Brasil* escrito por Aurélio da Silva Py, e também ao livro *O punhal nazista no coração do Brasil* escrito por Antonio de Lara Ribas. Esses dois livros são tratados com grande crítica pelo autor

[...] as obras de Py e Ribas, caracterizadas pelo caráter parcial e a vinculação do teuto com o nazismo, revelam o quanto os autores estavam comprometidos com o regime estadonovista, pois ambos, como chefes de polícia do Rio grande do sul e de Santa Catarina respectivamente, estavam ligados diretamente a repressão aos estrangeiros e a seus descendentes (ALBINO, 2001, p. 39).

O autor faz uma revisão historiográfica conflitando uma série de dados e comprova falhas nas conclusões dos autores agora pouco mencionados. Seu trabalho possui grande significação em relação a esse ponto, ao buscar nas produções do período uma história e a conflita com uma nova abordagem historiográfica.

Um ponto que nos chama atenção é a utilização pelo autor de uma matéria de jornal

No dia 17 de maio de 1998, o Jornal Diário Catarinense veio às bancas com a seguinte matéria de capa: *Brasil teve campo de concentração para alemães*, em destaque aparecia a frase: A História Negligenciada. [...] Privilegia-se apenas a história dos vencedores. Sobre estes (os campos de concentração), os historiadores até hoje silenciaram (ALBINO, 2001, P. 66).

Com isso podemos estabelecer alguns pontos de critério, se existiam publicações em periódicos da imprensa sobre a temática, reafirmamos a perspectiva de que os estudos foram impulsionados por uma busca da sociedade em querer saber sobre essa “história não contada”. Como Albino afirma de fato a história negligenciou essa temática por um grande período, reitero também nosso objetivo com o trabalho entender essas produções e como essa história tem sido contada.

A percepção de que há matérias de jornais em meados do ano 2000 trazendo a problemática em relação a essa temática, isso pode evidenciar uma busca da sociedade sobre essa memória. As produções acadêmicas subsequentes poderiam ser reflexo da sociedade em querer responder e resgatar essa memória delegada até então pela historiografia? É uma hipótese que possivelmente tem respaldo.

Já em 2007 Janaina Santos de Macedo defendeu sua dissertação intitulada *Campos de concentração em Santa Catarina e os conflitos envolvendo alemães e descendentes durante o Estado Novo*, será o segundo título analisado mais a fundo em nossa pesquisa. Macedo discorre a sua motivação em realizar tal estudo

O presente estudo nasceu da curiosidade acerca de um tema ouvido nas entrelinhas das conversas e aulas sobre a História de Santa Catarina ainda durante a graduação: a existência de campos de concentração no estado. Com o passar do tempo e o crescimento do meu interesse sobre o tema, sincronicamente outras pesquisas vieram na mesma direção e pesquisadores importantes também se debruçaram sobre o mesmo tema, que ainda hoje está longe de ter sido esgotado (2007, p. 19).

A problemática de pesquisa elaborada por Janaina dos Santos de Macedo estabelece o objetivo de seu texto que seria

Nossa proposta é problematizar este período ultrapassando as fronteiras étnicas, percebendo as redes formadas na complexidade da implantação de leis trabalhistas e crescente urbanização. Trata-se de perceber ligações subterrâneas, silenciosas e que muitas vezes, no contexto da guerra, foram abrigadas sob o guarda-chuva simbólico da etnicidade (2007, p. 21).

Para alcançar tais resultados foram utilizados pela autora fontes de diversos arquivos públicos e privados de Santa Catarina, assim como a análise de periódicos do período entre

1937 e 1945, bem como a utilização de fontes de história oral, que foram utilizadas visando uma compreensão em âmbito humano para compreender esses conflitos vivenciados pelos grupos perseguidos. Em seu texto Macedo ainda ressalta a dificuldade metodológica em sua pesquisa “A documentação sobre o período encontra-se bastante dispersa e incompleta. Incêndios, alagamentos e apropriações indevidas de documentos que deveriam ser públicos contribuíram para dificultar as pesquisas e ainda permanecem como obstáculos a serem ultrapassados em futuros estudos.” (MACEDO, 2007, p. 19).

A autora denota também uma preocupação essencial em distinguir a terminologia dos campos de concentração onde a mesma estabelece que

A opção pela denominação ‘campos de concentração’ baseia-se na historiografia, nas fontes documentais e na memória dos que vivenciaram este momento histórico. A senhora Verônica Guessier Pauli afirma que “falavam muito nesse campo de concentração, isso era um nome conhecido (...)”. E pergunta à história e ao presente: “hoje não existe mais isso não, né?” (2007, p. 184).

Macedo ainda se utiliza dos estudos pioneiros de Priscila Perazzo, que em sua tese, defende o uso do termo ‘campo de concentração’ se referindo aos casos brasileiros sem a intenção de realizar quaisquer comparações entre os campos alemães e brasileiros e afirma ainda que essa denominação era usual em fontes documentais do próprio período.

Bem como a terminologia é bem ampla devido aos múltiplos usos de referenciais teóricos distintos, O termo Súditos do Eixo aparece 21 vezes no texto; quinta-coluna 10 vezes, bem como é utilizado alemães 188 vezes; italianos 49 e japoneses 43. Com base nisso constatamos que os alemães são muito mais enfatizados em todas as obras envolvendo a temática em Santa Catarina, muito mais que os japoneses e italianos.

Macedo utilizou-se em especial do trabalho de Priscila Ferreira de Perazzo a qual foi referenciada 49 vezes, seguida de Marlene de Fáveri que foi referenciada 17 vezes. Aqui podemos notar a influência e o impacto do trabalho de Marlene de Fáveri que foi a segunda expoente nas pesquisas sobre a temática.

A autora realiza alguns apontamentos em relação à quantia de campos em Santa Catarina, apontando que existiram diversas zonas de reclusão pelo estado “Trabalhamos com a tese, confirmada por relatos orais e fontes documentais, de que por todo o Estado, em quaisquer delegacias, diversas pessoas foram presas por poucas horas ou dias e soltas mediante pagamento de fiança sem que qualquer registro oficial tenha sido feito (MACEDO, 2007, p. 206).

O repositório da Universidade Federal de Santa Catarina oferece um serviço associado a plataforma Google chamado “Google Analytics” onde é possível realizar uma investigação de tráfego de acesso àquele determinado produto, no caso em questão a dissertação por nós abordada, o tráfego a partir de 2017 atingiu cerca de 429 visualizações.

Em seu texto, Macedo expressa que “Em Santa Catarina a historiografia contemporânea começou a preocupar-se com o tema há menos de uma década, após mais de cinquenta anos de silêncio.” (2007, p. 202).

O trabalho de conclusão de curso intitulado *O Confinamento De Imigrantes E Descendentes De Italianos E Alemães No Vale Do Araranguá Durante A 2ª Guerra Mundial* escrito por Renan Borges Gonçalves em 2010 fecha o período de nossa análise. Em sua análise o autor se utiliza de documentos do período, bem como registros escritos de memória e depoimentos orais, além de um levantamento bibliográfico.

O autor aponta alguns problemas na produção do trabalho, como a insuficiência de fontes e estudos sobre o tema, bem como a pouca documentação disponível. Conforme Renan Borges Gonçalves “a escassez bibliográfica a respeito de tema, dão margem ao grande mistério que envolveram o confinamento de alemães e italianos naquela vila durante a guerra” (2010, p. 64).

O objetivo do autor em relação ao trabalho é evidenciar e investigar o confinamento que os estrangeiros foram submetidos em Timbé do sul e para alcançar tal objetivo o autor visou basear sua investigação em uma perspectiva crítica tendo em vista a utilização da memória como fonte histórica. Para isso, o autor se apoia na percepção de autores que trabalham a questão da memória. De acordo com Renan Borges Gonçalves

verifica-se ser essencial perceber a individualidade de cada narrativa, cabendo ao pesquisador analisar minuciosamente todas as informações vindas da memória, interrogando-as e as confrontando com outras fontes. Enfim, é neste sentido que será trabalhado com a História Oral enquanto método importante para recuperar as memórias.” (2010, p. 13).

O autor aponta que seu estudo teve como intuito “[...] registrar e preservar essas histórias dolorosas que causaram traumas, medos, angústias naquelas pessoas, e ouvir suas experiências é um exercício de cidadania, é ofício dos (as) historiadores (as).” (2010, p. 6). O autor se utiliza amplamente das duas autoras referências na temática Fáveri e referenciada 42

vezes e Perazzo 38 vezes para além do autor se utiliza do seu orientador Zanelato que surge 13 vezes e outro nome que é Gertz 8 vezes, diferentemente da produção de 2001 se notou que os trabalhos que trataram posteriormente da temática se utilizaram muito mais das produções de Perazzo e Faveri do que de outras, compartilhando inclusive preocupações como a questão da terminologia dos termos, etc.

No trabalho fica claro a preocupação do autor em salientar e evidenciar a relevância de diferenciar a nomenclatura campos de concentração para não ocorrer a problemática da associação mental com os campos nazistas, por exemplo, o autor elabora muito bem esse ponto Como o autor ressalta

Ao se refletir sobre a utilização do termo campo de concentração, tende-se a se remeter a um tipo de conceito estereotipado, enraizado no imaginário social associado diretamente aquele modelo de campos de concentração construídos principalmente no período pós-Segunda Guerra Mundial, que ganha fortes contornos a partir dos exemplos vistos na Alemanha nazista[...] Portanto, a autora acredita que o termo campo de concentração se cristalizou no contexto da guerra a partir dos modelos de campos construídos pelo governo nazista, o que “atualmente impede as pessoas de aceitarem o termo” para outros contextos ou situações diferentes daquelas vistas no nazismo alemão durante a Segunda Guerra (2010, p. 30).

Renan ainda se desdobra na percepção de Priscila Perazzo e esclarece que a autora determina se utiliza do trabalho de Macedo e de Hannah Arendt para embasar a utilização do termo, todavia a preocupação se mostra clara em evidenciar as diferenças.

Como há várias nomenclaturas, o autor aborda por um viés plural se utilizando dos termos: súditos do eixo e quinta-coluna para se referir aos indivíduos perseguidos. A palavra alemães aparece 145 vezes; Alemanha 44; italianos 92; Itália 11; japoneses 11; Japão 7. Outro estudo que podemos constatar claramente o foco maior nas populações de origem alemã.

Em seu estudo ele concluiu que

[...] pôde-se constatar que o confinamento em Timbé do Sul ocorreu entre os anos de 1943 – 1945. A pequena vila recebeu vários italianos e alguns alemães da região do vale Araranguense e a falta de documentos que apontem para o número total de presos inexistem; neste caso, o que se pode encontrar nas memórias foram nomes e sobrenomes que arrolam (2010, p. 64).

As análises foram realizadas baseadas em uma leitura das obras tentando entender alguns aspectos em comum que se associam, bem como a compreensão dos autores e suas conclusões e com base nas perguntas formuladas.

### **3.4 CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM SANTA CATARINA, UMA ANÁLISE ATRAVÉS DO TEMPO**

Em síntese, os autores apresentam abordagens semelhantes em alguns aspectos, entretanto divergente em outros. Apresentaremos alguns elementos de aproximação e distanciamento entre as obras que precisa ser ressaltado, evidentemente tendo em vista obras com objetivos e metodologias que se diferenciam, o intuito é entender se os objetivos dos autores se conciliam em determinado ponto.

Os três autores são concisos em apontar que oficialmente diante do trabalho de Priscila Ferreira Perazzo existiram 11 campos de concentração pelo Brasil, contudo os trabalhos analisados procuram evidenciar mais especificamente outros locais que ocorreram esses confinamentos, sendo eles respectivamente José trabalha com São Pedro de Alcântara; Gonçalves com a região do vale de Araranguá e Macedo além de acentuar um panorama do estado acentua a ilha de Guarás como local de confinamento.

A perspectiva geral é que essas detenções e prisões ocorreram por todo o estado, nas palavras de Macedo expressa a mesma perspectiva apontando que “Trabalhamos com a tese, confirmada por relatos orais e fontes documentais, de que por todo o estado, em quaisquer delegacias, diversas pessoas foram presas por poucas horas ou dias e soltas mediante pagamento de fiança sem que qualquer registro oficial tenha sido feito.” (MACEDO, 2007, p. 206).

Uma diferenciação da dissertação de Macedo são os apontamentos de como esses locais teriam formado possivelmente uma nova fonte de renda e denúncias nos depoimentos orais coletados por ela contra a polícia, a qual exercia chantagens e subornos, bem como confisco de bens.

Algo perceptível na dissertação de José é a crítica às produções realizadas durante o período varguista, produções estas que visavam justificar a ameaça estrangeira, portanto seu trabalho tem um aspecto de revisão dessas obras e critica as mesmas bem como a análise regional.

Os trabalhos, em geral, procuraram explorar as portas abertas pelas dissertações de Perazzo no caso de Albino e nos casos de Macedo e Gonçalves buscaram fragmentar a percepção de Fáveri em localidades mais isoladas.

Outra perspectiva em relação aos três trabalhos é que no caso dos dois mais recentes se evidenciou a preocupação em definir o termo Campo de Concentração, que no trabalho de 2001 não ocorre no texto de 2007 e 2010 já aparece com evidência e preocupação.

É de consistência em todos os trabalhos também a percepção de que apesar de haver indivíduos partidários do nazismo entre os alemães, a grande maioria não compactuava de tal ideia, isso é bem mais elaborado no trabalho de Albino mas também é evidente nos demais.

Macedo realiza um trabalho significativo ao se falar em Santa Catarina, aprofundamento e dando uma atenção significativa aos relatórios orais para constituir e preencher as memórias apagadas. Contudo, considerando todos os cuidados metodológicos plausíveis de um trabalho envolvendo oralidade com o TCC analisado foi obtido a mesma percepção.

Todos eles buscam evidenciar as mesmas vozes silenciadas na escuridão do esquecimento da opressão contra a população civil durante a Segunda Guerra Mundial pelo governo Varguista.

## 5. CONCLUSÃO

Este trabalho visou valorizar a historiografia contemporânea sobre os estudos acadêmicos que se propuseram ao estudo dos Campos de Concentração e a perseguição a civis durante a Segunda Guerra Mundial. Tendo em vista que essas produções já existem, a análise se centrou no que as próprias produções poderiam nos fornecer.

Com base no levantamento realizado e explorado neste trabalho se evidenciou algumas conclusões a respeito da historiografia sobre essa temática. Foi notado que ocorreu um aumento considerável de produções entre 2000 e 2010. Com base nisso, portanto, as causalidades que levaram a esse aumento considerável foram brevemente exploradas, e como resultado foi identificado o ano de 2002 como um dos impulsionadores dessa historiografia, ao serem produzidas as teses que embasaram teoricamente a grande maioria dos trabalhos que vieram posterior.

Contudo, a influência como motivador inicial para essa preocupação historiográfica que se desenvolveu próximo aos anos 2000 e posterior a ele para com a temática pode estar ligada a uma possibilidade mencionada, mas não explorada totalmente por nós. O incentivo a essas produções poderiam ter partido de uma preocupação historiográfica contida na sociedade em sua totalidade, e as produções acadêmicas do período apenas teriam atendido uma demanda daquele contexto.

Nossos objetivos desenvolvidos tiveram o intuito de entender essa historiografia e buscar relacionar com a história da historiografia, tendo em vista que enfatizamos a produção dos textos acadêmicos e não seu conteúdo apenas.

Com a análise de três obras selecionadas, visamos compreender mais a fundo a compreensão de alguns autores sobre a historiografia de Santa Catarina em relação à temática. Com isso se pode notar algumas divergências e novas preocupações que surgiram posteriormente com o tempo e se representaram mais significativamente nos trabalhos mais recentes, bem como a atuação sobre localidades onde ocorreram tais perseguições a esses civis e estabelecem a conclusão que tais eventos ocorreram pelo estado inteiro.

A relevância dos estudos sobre as populações de origem alemã se evidenciam e podem estabelecer, caso seja realizado uma análise mais apurada, duas opções, ou ocorreu maior perseguição com os alemães, ou maior dedicação dos estudos sobre eles apenas.

Os dados também remetem a uma maior preocupação historiográfica com a temática na região sul e sudeste do país. Com a discrepância em Santa Catarina, lembrando que o levantamento foi realizado utilizando-se utilizando pesquisas no Google acadêmico e banco de teses e dissertações da capes.

## 6. REFERÊNCIA

- ALBINO, José Francisco. **A nacionalização no estado novo e a ameaça alemã um olhar em são pedro de alcântara (1937 – 1945)**. 2001. Dissertação de Mestrado — Universidade Federal de Santa Catarina.
- ARAÚJO, Maria Celina D'. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro, 2000.
- BROCCA, Lionei Alves. **As perseguições aos “Súditos do Eixo” através das páginas do jornal Correio do Povo durante a Segunda Guerra Mundial**. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **O Estado Novo: o que trouxe de novo? O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo — do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Tradução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CARVALHO, Tamiris. O inimigo interno e a ordem política da nação: representações da ditadura civil militar na Revista Veja (1968 – 1969). **TEMPORALIDADES Revista de História**. Belo Horizonte, 2014, v.6, n.1, p. 158 – 174.
- CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. Guerra de palavras: a construção do inimigo “quinta-coluna” pela imprensa pernambucana durante a Segunda Guerra Mundial. **Revista de História e Estudos Culturais**: Jan, Fev, Mar, 2009, v. 6, n. 1. Disponível em [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). Acesso em 09/08/2022.
- COVOLAN, Fernanda Cristina; ALMEIDA, Melissa Pinheiro. Repúdio aos “súditos do Eixo”: legalização dos campos de concentração na era Vargas. **Revista Opinião Jurídica**. Fortaleza: 2019, 25, p. 13 – 36.
- DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007 (Tese de doutorado).
- FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005. 2 ed.
- FÁVERI, Marlene de. Tempos de intolerância: repressão aos estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. **Revista Esboços**: Florianópolis. Volume 16, n.º 22, pp. 91 – 109. Disponível em:

- <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2009v16n22p91/16326>. Acesso em 20/07/2023.
- FELIZARDO, Jéssica Tatiane; OLIVEIRA, José Luiz de. **As análises de Hannah Arendt acerca dos campos de concentração e suas relações com o “holocausto brasileiro”**. MENTAL: Barbacena — MG, dez. 2017, v.11, p.431 – 444.
  - GERTZ, René E. Verdades e dúvidas em relação a nazismo e neonazismo no Brasil. **Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil**. 2022, p. 255 – 287. Disponível em [https://www.fundarfenix.com.br/\\_files/ugd/9b34d5\\_f53de8b3aec24909a4f83b9b460d4bba.pdf](https://www.fundarfenix.com.br/_files/ugd/9b34d5_f53de8b3aec24909a4f83b9b460d4bba.pdf)
  - GONÇALVES, Renan Borges. **O confinamento de imigrantes e descendentes de italianos e alemães no vale do Araranguá durante a 2ª Guerra Mundial**. Criciúma, dez. de 2010. TCC apresentado ao curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense.
  - MACEDO, Janaina Santos de. **Os campos de concentração em Santa Catarina e os conflitos envolvendo alemães e descendentes durante o Estado Novo**. 2007. 267f. Dissertação (Mestrado)-Curso de Pós-Graduação em História Cultural. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
  - Maria Nogueira Cordeiro, Philonila. **Ascensão das ideias nazistas em Pernambuco: a Quinta Coluna em ação (1937 – 1945)**. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
  - MAIO, Marcos; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil 1932 – 1938. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília (orgs.). **O Brasil Republicano II**. O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Livro 2. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011, 39 – 62.
  - PANDOLFI, Dulce. **REPENSANDO o Estado Novo**. Organizadora: Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p.
  - PERAZZO, Priscila Ferreira. **Mais histórias de uma (outra) guerra: campos de concentração no Brasil para “súditos do Eixo” durante a Segunda Guerra Mundial**. FRONTEIRAS: Revista catarinense de História — Dossiê de guerra e nacionalização. Florianópolis, n. 13, 2005, p. 25 – 43.

- PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros de guerra: os cidadãos do Eixo nos campos de concentração brasileiros (1942 – 1945)**. 2002. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. . Acesso em: 27 ago. 2022.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo**. Coleção Teses & Monografias. Vol. 1. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.
- PINHEIRO, L. **A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Revista USP, [S. l.], n. 26, p. 108 – 119, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i26p108-119. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28153>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- SANTOS, Alessandra Soares. Francisco Iglesias e as interpretações do Brasil: notas sobre um discurso historiográfico. **anpuh — xxv simpósio nacional de história** — Fortaleza, 2009.
- SILVA, Rogério Forastieri. **História e Historiografia: capítulos para uma história das histórias da historiografia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001, 352p.
- SILVA, Marina Helena Chaves. **Vivendo com o outro: Os Alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007. (Doctorate Thesis).
- SOARES, Tamires Xavier. Os súditos do Eixo e as múltiplas identidades: o caso dos funcionários da empresa The Rio Grandense Light and Power de Pelotas. Florianópolis, **XXVIII Simpósio Nacional de História**: 2015. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/34-snh28?start=1600>. Acesso em 27/08/2022.
- TORRES, Luiz Henrique. **O conceito de história e historiografia**. Rio Grande: 1996, p. 53 – 59.
- Uhiara, Érika. **Ensaio de José Honório Rodrigues: em busca de uma historiografia brasileira**. Universidade Estadual Paulista —Júlio de Mesquita Filho—Campus de Franca. 2014. (Dissertação)
- ZANELATTO, João Henrique. **FASCISMOS NA IMPRENSA DE SANTA CATARINA**. Florianópolis: **XXVIII Simpósio Nacional de História**. 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434399146\\_ARQUIVO\\_ArtigoAnphu2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434399146_ARQUIVO_ArtigoAnphu2015.pdf)
- ZANELATTO, João Henrique. Região, etnicidade e política : o integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930. 2007. 373 f. Tese

(Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,  
Porto Alegre, 2007.